



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA

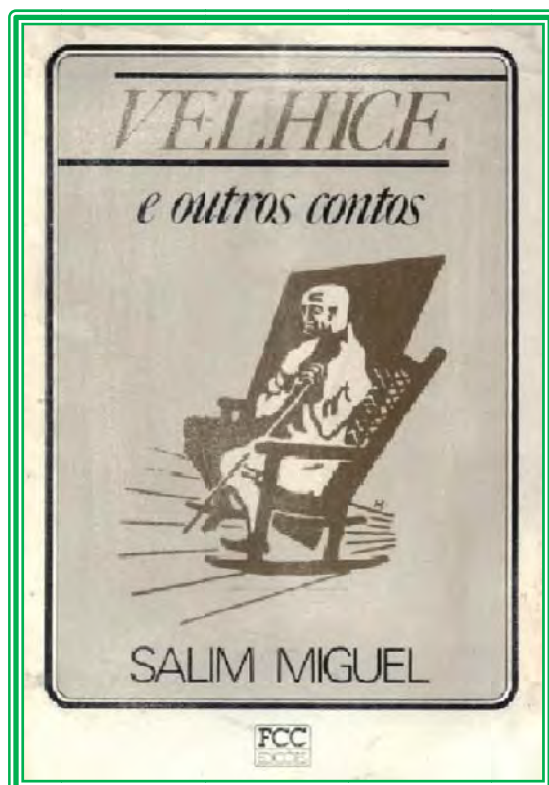


FAED
Centro de Ciências
Humanas e da Educação



DCH
Instituto de Documentação e
Investigação em Ciências Humanas

**Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel**



Notícias, documentos Sobre o Livro: Velhice e outros contos

Organização e digitalização: Iraci Borszcz e Kariane Regina Laurindo
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

Sumário

1.	OVIEDO, Néida Aurora. Velhice e outros contos . Helvecia . Rosário /Argentina.Libros de América. [s.d.]
2.	VELHICE e outros contos. Evolução . Rio do Sul. [s.d]
3.	VELHICE e outros contos. [s.l], [s.d].
4.	BIOGRAFIA: Velhice, de Salim Miguel. Gazeta . Florianópolis, 28 out. 1951
5.	A VELHICE e outros contos. Diário da Manhã . [s.l], 30 out. 1951.
6.	A ESTRÉIA de Salim Miguel. A Manhã . [s.l], 11 nov.1951. Letras e artes, p.11.
7.	Um LIVRO de contos. Correio da Manhã . Rio de Janeiro, 14 nov. 1951.
8.	VELHICE e outros contos. A Cigana . Rio de Janeiro, dez. 1951.
9.	ÚLTIMOS Lançamentos. Folha da Manhã . [s.l.], 09 dez. 1951.
10.	VELHICE e outros contos. Correio Lageano . Lages, 24 dez. 1951.
11.	1951 nas letras. Folha da Manhã . [s.l], 06 jan.1952.
12.	MIRANDA, ADALMIR DA Cunha. Velhice e outros contos. Diário da Bahia . [s.l], 7 jan.1952.
13.	M., F. [114 - Clã: Slaim Miguel Velhice e outros contos]. Fortaleza, fev. 1952.
14.	SASSI, Guido Vilmar. A estréia de Salim Miguel. Correio Lageano . Lages, 11 maio 1952.

15.	CAMPOS, Octávio Rodrigues de. Velhice e outros contos. Noticias D'Evora . [s.l], 13 set. 1952. Apontamento.
16.	LAPA, Jose' Roberto do Amaral. Notícia Sôbre dois poetas. Diário do Povo . Campinas, 31 set. 1952.
17.	ENTRE o cinzeiro e a lampada. Folha da Manhã . [s.l], 25 jan. 1953.
18.	JUNKES, Lauro. Livros e cultura- 8 : Salim Miguel [2] velhice. A Gazeta . Florianópolis, 18 fev. 1979.
19.	LITERATURA une autores gaúchos e catarinenses. Folha da Tarde . Porto Alegre, 11 nov. 1981.
20.	SALIM Miguel, a estreia revisitada 30 anos depois. O Estado de São Paulo . São Paulo, 1981.
21.	JAMUNDA, Theobaldo Costa. Silveira, Guido e Salim (de "sul") autografam juntos. A Gazeta . Florianópolis, 15 nov. 1981. p. 2.
22.	SILVEIRA, Salim e Sassi. A Notícia . Florianópolis, 16 nov. 1981.
23.	MENEZES, Carlos. Martha Robles chega do México para visita cultural ao Brasil. O Globo . Rio de Janeiro, 17 nov. 1981.
24.	ESCRITORES relançam obras. Jornal de Santa Catarina . Blumenau, 19 nov. 1981.
25.	SALIM, Sassi e Silveira de Souza relançam hoje obras reconhecidas. O Estado . Florianópolis, 19 nov. 1981. Lazer.
26.	CORREIA, R. B. Um livro de contos. Semana Nacional . São Paulo, 8 jan. 1952.
27.	SILVEIRA, Guido e Salim autografam juntos. A Noticia . Joinville. 22 nov. 1981.

28.	SALIM Miguel: no romance, apenas uma dezena de nomes. O Estado . Florianópolis, 06 dez. 1981. p. 21.
29.	BALDISSERA, Márcia S.. Salim e Guido juntos. Jornal de Santa Catarina . Blumenau, 20,21 dez. 1987. p. 31.
30.	VELHICE e outros contos. A Razão . São Paulo, 2 dez. 1951
31.	SÁ, Jorge de. Jogo de Espelhos. Jornal do Brasil . [s.l.], 26 dez. 1981.
32.	VELHICE ... [s.l.], [s.d.].
33.	LOTH, Moacir. Nos contos de Salim, um retrato real. A Notícia . Florianópolis, 07 maio. 1989. Anexo. p. 3.
34.	LAPA, Jose' Roberto do Amaral. Velhice e outros contos. Diário do Povo . Campinas, 11 nov. 1951. Mansão Literária. p.9.
35.	SIMOES JR., ANTONIO. El realismo social em la última obra de Salim Miguel. Veladas . Argentina, mar. 1957. p.81.
36.	SCHIMIDT, Ronald C. Cartão de agradecimento pelo envio de livro. [s. l.], 27 jun. 2005.
37.	BECHEPECHE, Mário Jorge. A computação animica de Salim Miguel. [s.l.], [s. d.]
38.	BELTRÃO, Tatiana. Volta ao passado de Salim Miguel. Diário Catarinense . Florianópolis, 19 de dezembro de 2004. Variedades, p. 5.
39.	SALIM reencontra seu passado. A Notícia, Joinville, 25 de jan. de 2005. A noticia , C4 e C5.

1.

OVIEDO, Néida Aurora. Velhice e outros contos. Helvecia. Rosário /Argentina. Libros de América. [s.d.]

Libros de América

'Velhice e outros contos'

Por SALIM MIGUEL

(brasileño)

El cuento, en Brasil, tierra que ya ha dado notables novelistas, está dando un crecido número de cuentistas, género difícil y muy gustado a la vez, signo de la época dinámica en que se vive.

El cuento síntesis de la novela, cuenta entre los modernos escritores brasileños, un lugar de privilegio.

Uno de los nuevos libros de cuentos que nos llega es «Velhice e outros contos». Su autor Salim Miguel es un joven y ya destacado escritor miembro del Círculo de Arte Moderno de Florianópolis, y colaborador de «Sul», una revista que agrupa a los modernos valores del Brasil.

Salim Miguel, desarrolla las temáticas de sus cuentos, abundando en estados psicológicos de sus personajes, personajes tomados de la realidad, pero desentrañados en su búsqueda y llevado a un plano de irrealidad, a veces por sus torturadas almas, o en la sombra de una rota conexión terrena.

En «Velhice e outros contos», tomamos al azar uno de sus cuentos: «Velhice Jois». Dos mujeres que viven amarradas a su pasado. Elegando estas dos vidas, a una angustia que las envuelve en sus prejuicios y temores, a vivir una irrealidad malsana y pesada.

Así en todos y cada uno de sus cuentos, flota una poesía de emoción y de tiempo, de cada uno de sus personajes, que los absuelve y redime en una aureola de angustia e irrealidad.

Salim Miguel, se coloca con «Velhice e outros contos», en un lugar de privilegio, dentro de la moderna narración brasileña.

Néida Aurora Oviedo
Rosário, Argentina

Velhice e outros Contos

Um punhado de môços de Florianópolis há tempo vem mantendo viva a arte por meio de uma modesta associação. Trata-se do Circulo de Arte Moderna, que há mais de um ano vem editando a revista «Sul», sem contar outras produções de caráter literário e teatral que semanalmente aparecem na imprensa Catarinense.

Além dessas atividades êsses môços idealistas, por intermédio de «Edições Sul», que é um departamento do Circulo, no ano de 1950, lançaram um livrinho de poemas, de autoria do sr. Walmor Cardoso da Silva, intitulado «Idade 21». Foram felizes na sua primeira tentativa, pois havendo estreado sem pretenções, o trabalho do sr. Walmor Cardoso da Silva mereceu a melhor das acolhidas. Entusiasmados com o sucesso, editaram no fim do ano passado o livro de contos do sr. Salim Miguel, «VELHICE E OUTROS CONTOS». Embora tratar-se de uma edição recente, já se pode constatar a maneira elogiosa com que foi recebido pela crítica. Jornais do Rio de Janeiro e revistas de outras capitais de estados se manifestaram a respeito, muitas das quais se estendendo até em referências particulares, demonstrando, assim, que o livro foi objeto de análise funda do crítico.

Evolução divulga por êste meio os méritos da nova obra e felicita o jovem ficcionista catarinense, esperando que os leitores «barriga-verde» saibam honrar e prestigiar as letras do Estado, agora enriquecidas com êsse livro, e tão bem representadas por essa nova geração de Florianópolis.

Velhice e outros contos

O apreciado cronista e nosso colaborador Salim Miguel acaba de publicar, em edições SUL, interessante coletânea de vários contos.

Velhice e Outros Contos, é o título do livro com que o seu autor, nos dias presentes, vem enriquecer a literatura catarinense.

O volume enfeixa interessantes contos, que pela leitura, leva o leitor a agradáveis momentos espirituais.

Salim Miguel, já conhecido do público que o lê, há anos. Os seus trabalhos versam assuntos da atualidade e fixam personagens que poderiam passar despercebidos, si não fôsse o espirito arguto de observador que os faz lembrados e relembrados.

Velhice e outros Contos, cujo trabalho deve merecer a leitura dos amantes da boa leitura, está fadado a alcançar sucesso. O seu autor, cronista de recursos, dá-nos esplêndidas histórias e ótimos personagens.

A Salim Miguel, os votos de novos triunfos.

BIOGRAFIA

Velhice, de Salim Miguel

Salim Miguel é talento moço e vigoroso da geração catarinense que vai surgindo.

Cronista excelente e festejado contista, Salim Miguel, pelo próprio esforço, conquistou lugar seguro e de evidência entre os de sua geração.

Agora, nas montras de nossas livrarias aparece "Velhice e outros contos", livro das Edições com que Salim Miguel estreia auspiciosamente.

No volume, foram enfileirados os seguintes contos: Camavd: casos de Espiridião", "Alvina, essa minha noiva", "Velhice, um", "Velhice, dois", "Velhice tres", "Medo", "Historia banal" e "Jantar em família".

Registrando o recebimento do volume, auguramos a Salim Miguel muito êxito de sua obra.

A Velhice e outros contos

Esse é o título do livro que o nosso apreciado confrade Salim Miguel acaba de dar à luz da publicidade. O jovem escritor conterrâneo, desde há muito, vem trabalhando cheio de fé para projetar lá fora os novos valores das letras catarinenses. Em nosso jornal, com Osvaldo Melo (Filho), dirige a página literária.

A VELHICE E OUTROS CONTOS é uma edição da revista SUL. Neste ensêjo, apenas, registramos o lançamento da obra do "conteur" barriga-verde. Contudo, logo que nos seja possível, apreciaremos o valor literário da mesma.

Salim Miguel é um dos poucos literatos da terra que produz. Apesar da falta de estímulo do meio, não se deixa dominar pelo desânimo. Cômscio de seu valor, não se empolga pelos elogios fáceis e nem pela crítica às vezes apaixonada. Embora formando com o grupo chamado modernista, é em literatura um eclético. Dizemos isso, escudado em seus trabalhos críticos.

O seu esforço e a sua obra aí estão como prova de seu valor. Esperamos que o público leitor saiba fazer justiça aos seus méritos literários. São os nossos mais ardentes votos.

6.

A ESTRÉIA de Salim Miguel. A Manhã. [s.l.], 11 nov. 1951. Letras e artes, p. 11.

ESTRÉIA de Salim Miguel. A Manhã. [s.l.], 11 nov. 1951. Letras e artes, p. 11.

A estréia de Salim Miguel

Em edição da revista "Sul", de Florianópolis, acaba de sair "Velhice e outros contos", volume que assinala a estréia de Salim Miguel, jovem ficcionista catarinense. Embora inexperiente e imaturo, e escrevendo com alguma incorreção, lêem-se com prazer os contos de Salim Miguel em que não há como deixar de reconhecer legítima vocação para o gênero.

7.

Um LIVRO de contos. Correo da Manhã. Rio de Janeiro, 14 nov. 1951.

Um livro de contos. Correo da Manhã. Rio de Janeiro, 14 nov. 1951.

UM LIVRO DE CONTOS

• "Velhice e outros contos" assinala a estreia em livro do jovem escritor catarinense Salim Miguel, um dos nomes destacados do grupo da revista "Sul", de Florianópolis. Oito histórias de boa técnica literária foram reunidas nesse pequeno volume que pode ser incluído entre os melhores no gênero publicado este ano e onde destacamos "Alcina, com suas noivas", "Medo" e "Jantar em Família".

"Velhice e outros contos" aparece na coleção "Cadernos Sul", que já nos deu anteriormente os poemas de Waldor Cardoso da Silva, prometendo-nos ainda livros de Adibair Nunes Pires, Guido Wilmar Sasso e Antônio Paladino.

8.

VELHICE e outros contos. A Cigana. Rio de Janeiro, dez. 1951.

VELHICE E OUTROS CONTOS
Salim Miguel — Edições Sul —
Florianópolis, 1951. — Este livro é
o primeiro a ser lançado pelas Edi-
ções Sul — desdobramento das ati-
vidades dos rapazes que constituem
o grupo da revista do mesmo nome,
de Florianópolis. Salim Miguel, um
dos seus componentes, apresenta-
nos, com este livro, uma interes-
sante coletânea de contos.

Inaugurando a coleção "Novelas do Mundo", as Edições Melhoramentos acabam de lançar "A Vingança de Michael Kohlhaas", de Heinrich von Kleist, poeta, dramaturgo e romancista, que se alinha entre os maiores vultos da literatura alemã do século XIX. Incluído genericamente entre os românticos, ao lado de Schiller e Goethe, von Kleist possui no entanto características outras que o afastam de certo modo daquela corrente, para situá-lo inclusive como um precursor do realismo, em virtude de seu estilo vulcânico e de sua narrativa vigorosa. Torturado e perseguido pelos revezes de uma vida atribulada, somente depois da morte, quando suas obras completas foram publicadas por L. Tieck, é que seu extraordinário talento literário foi paulatinamente reconhecido.

Nesta novela dos costumes feudais, que pode ser considerada um marco no domínio da novela histórica, von Kleist, servindo-se para o argumento de uma crônica do tempo de Lutero, focaliza a luta contra a injustiça, que em última instância foi a sua própria luta, amesquinhado que era pelo seu coevo. Kohlhaas, o criador de cavalos, era um homem tão reto e probo que, por amor à justiça, desafiou o poder feudal, tornou-se salteador e assassino e acabou por subir dignamente a escada do patíbulo. Já com a cabeça sobre o cepo, dá uma demonstração piedosa de amor filial e paternal e, principalmente, de submissão total aos princípios da eterna justiça.

"A Vingança de Michael Kohlhaas" foi traduzido por Otto Schneider e traz diversas ilustrações de autoria de Emery Guéron.

FICÇÃO

FOGO VERDE — Perminio Asfora — 259 pags. — Editora Brasileira Ltda.

ALMAS EM CONFLITO — A. J. Cronin — Trad. de Gulnara Lobato de Moraes Pereira — 283 pags. — Coleção Fogos Cruzados — Livraria José Olímpio Editora.

RUA DA ALEGRIA — Frances Parkinson Keyes — Trad. de Nair Lacerda — 559 pags. — Grafica Editora Brasileira Ltda.

VELHICE E OUTROS CONTOS — Salim Miguel — 104 pags. Edições Sul — Santa Catarina.

OH! NAO!... — Sílvia Hunger de Matos — 125 pags. — São Paulo — 1951.

MEU DESTINO E' PECAR — Suzana Flag — 12.ª edição — 469 pags. — Livraria Martins Editora S.A.

ROBIN HOOD — Lenda Inglesa — Trad. de Frankim R. Coelho — 190 pags. — Editora Vecchi.

POESIA

O ANJO DE SAL — (1949-1950) — Guilherme de Almeida — 78 pags. — Edições Alarico.

ESPELHO MÁGICO — Mario Quintana — 114 pags. — Editora Globo.

PENSER — Simon Tygel — Prefácio de Guilherme de Almeida — 58 pags. — Edições Alarico.

VERÃO E OUTONO — Carlos Magalhães de Azeredo — 184 pags. — Rio de Janeiro.

EXÍLIO HARMONIOSO — Premio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras — Suzana de Campos — 99 pags. — Livraria Martins Editora S.A.

ENSAIOS

CAPÍTULOS DE HISTÓRIA E SOCIOLOGIA — Reginaldo Nunes — 412 pags. — Livraria José Olímpio Editora.

JORNAL DE CRÍTICA — 6.ª série — Alvaro Linz — 316 pags. — Livraria José Olímpio Editora.

O NEGRO BRASILEIRO — 1.º vol. — Etnografia Religiosa — Artur Ramos — 3.ª edição — 373 pags. — Cia. Editora Nacional.

10.

VELHICE e outros contos. *Correio Lageano*. Lages, 24 dez. 1951.

Velhice e outros contos

Salim Miguel elemento destacado do Círculo de Arte Moderna de Florianópolis, acaba de editar em livro seus contos. Pelo que podemos colher está sendo muito bem recebido pelo público leitor e pela crítica, o seu primeiro trabalho. Pretendemos, no futuro, comentar detalhadamente esta obra do novo contista catarinense. Ao que se sabe pretende Salim Miguel submeter *Velhice e Outros Contos* à apreciação para matrícula na recente Faculdade de Filosofia de Santa Catarina.

1951 NAS LETRAS

O ano de 1951, se não registrou no setor das letras nenhum fato deveras extraordinário, decorreu no entanto movimentado e foi fecundo em novas edições e reedições, principalmente de livros de versos, que ainda é o forte em nosso país. Procuraremos alinhar adiante os principais acontecimentos literários do país no ano que findou, apresentando inclusive uma relação das obras editadas pelas nossas diversas editoras, em todos os generos.

ROMANCES

No que respeita ao aspecto comercial, isto é, ao êxito de venda que alcançaram, três romances merecem citação em primeiro lugar: "O Esperidião", de Benedito Valadares, que segundo dizem já rendeu cerca de cem mil cruzelros ao seu autor; "Galatêa e o Fantasma", de Mario Donato, do qual já se venderam dez mil exemplares, estando em preparo a 2.ª edição; e "O Retrato", de Erico Veríssimo, lançado em fins de dezembro e que encabeça no momento a lista de "best-sellers" nacionais.

Outros romances de 51 são: "Queda em Ascensão", de Gasparino Damata; "Perigo, Excavação nas Linhas", de Oliveira Cavalcanti; "Guerra Dentro do Beco", de Jorge de Lima; "Fogo Verde", de Perimino Assfora; "Gente de Serra Acima", de Albertino Moreira; "Encontro com a Vida", de Alvaro Delfino; "Filhos do Destino", de Hernani Donato; "O Burrico Lucio", de Leo Vaz; "O Banco de Três Lugares", de Maria de Lurdes Teixeira; "Coração de Mulher", de Irene Tavares de Sá; "A Casa do Odio", da sra. Leandro Dupré; "Folhas Caudas", de Themis Alves Ribeiro do Amaral; "Licões de Abismo", de Gustavo Corção; "O Sol Nasceu ao Entardecer", de Celso Bentim; "Oh! Não!...", de Silvia Hunger de Matos; "Pedra que Deu Pedras", de Geraldo Marcelino Bispo; "Grades e Azulejos", Maria da Conceição Neves Aboud; "Dona Guldinha do Poço", de Manuel de Oliveira Palva; "Coração de Onça", de Ofelia e Narbal Fontes; "Uma Grande Mancha de Sol", de Sultana Levy Rosenblat; "Valdade e Aflicção", de Antonio Pousada; "Derrocada de um Sonho", de J. Pereira da Silva; e "Solteiros no Civil e no Religioso", de Eduardo Palmerio.

CONTOS

Houve em 1951 alguns lançamentos importantes no setor dos contos, como a estréia de Carlos Drummond de Andrade na ficção, com os "Contos de Aprendiz"; o 2.º volume de "Mar de Histórias", antologia organizada por Aurelio Buarque de Holanda e Paulo Ronal; os "Contos Reunidos", de Gastão Cruz; as "Histórias da Cidade Morta", de José Condé; "O Homem de Duas Cabeças", de Almeida Fischer; a 3.ª edição de "Sagarana", de Guimarães Rosa; "Na Paz da Lua", de Paulo Haecker Filho; "Velhice e Outros Contos", de Salim Miguel; "Mural", de Saldanha Coelho; "Dois Olhos no Cais", de Virgílio Paula Santos; "Ternura", de Jorge Jaime; e "A Sombra da Linha Gotica", de Lawrence Reid; e "Vorta Boi, Vorta", de Frederico Lané.

POESIA

Na poesia, como sempre ocorre, os lançamentos foram mais numerosos, e indicaremos os livros que mereceram pelo menos um registro na imprensa: "Odes", de Edgard Braga; "A Lua do Remorso", de Jamil Almansur Haddad; "O Rei Menos o Reino", de Augusto de Campos; "Penumbra Murmurante", de Domingos Paolillo; "Poesias Completas", de Ascenço Ferreira; "O Anjo de Sai", de Guilherme de Almeida; "Poemas", de Henriqueta Lisboa; "Linguagem" e "Ode Equatorial", de Ledo Ivo; "Poesia Perdida", de Americo Facó; "Dois Poemas", de José Paulo Moreira da Fonseca; "Litania do Mar", de Augusto Frederico Schmidt; "ABC das Catastrofes", de Anibal Machado; "Silencio e Palavra", de Tiago de Melo; "Espelho Mágico", de Mario Quintana; "A Rosa da Esperança", de Bandeira Tribuzzi; "A Palavra Escrita", de Paulo Mendes Campos; "Amor em Leonoreta", de Cecilia Meireles; "A Mesa", de Carlos Drummond de Andrade; "Balada de Alzira", de Hilda Hilst; "O Veu da Manhã", de Elcio Cavalcanti; "Poemas Desiguais", de Wilton Carvalho; "A Vida Breve", de Ascenço; "Cais da Eternidade", de Edison Moreira; "A Ou-

tra Viagem", de Heltor Saldanha; "Vragem", de Manuel Sarmiento Barata; "Do Mar Longe", Neil Salvini; "Poemas", Ana Amelia; "O Muro do Céu", de Pedro Otavio; "Transfiguração", Paulo Bonfim; "Cinzas da Vida", Fernando Whitaker Tavares da Cunha; "Sob a Sombra da Desgraça", de Nidoval Reis; "Céus de Minha Aldeia", de Jansen Filho; "Procura", Maximus Bernardus; "Versos Excomungados", Robespierre de Melo; "Panorama da Nova Poesia Brasileira", antologia organizada por Fernando Ferreira de Louanda; "Arela na Alma", de Ilka Maia; "Poesias", José Caó; "Fábulas", Serafim França; "Desencanto", Eugenio G. Velloso; "Ontem, Hoje e Depois...", Ferreira Alves Junior; "Flor no Caminho", Maria Antonia; "Novos Poemas", Lilla Ripoll; "Exílio Harmonioso", Suzana de Campos; "Rua de Postes Caidos", de Kim de Oliveira; "Poemas", Moreira Chaves; "Sombras do Melo-Dia", Rocha Filho; "O Cão sem Plumas", de João Cabral de Melo Neto; "Claro Enigma", de Carlos Drummond de Andrade; e "Tempo Inconcluso", de Geraldo Pinto Rodrigues.

CRITICA, ENSAIOS, BIOGRAFIAS

Foram igualmente numerosos os lançamentos nos generos acima indicados. Citaremos os seguintes livros: "Europa de Hoje" e "O Existencialismo", de Alceu Amoroso Lima; "Nabuco", de Alceu Marinho Rego; "O Mito de Prometeu", de Roberto Alvim Correia; "Jornal de Critica" (6.ª serie), de Alvaro Lins; "Regime de Liberdade Social", de Paulo Nogueira Filho; "Povoamento e População", de Castro Barreto; "Epitacio Pessoa", de Laurita Pessoa Raja Gabaglia; "Retrato Sincero do Brasil", de Lúcia Tejo (um dos "best-sellers" do ano); "Pinheiro Machado e Seu Tempo", de Costa Porto; "Capitulos de Historia e Sociologia", de Rinaldo Nunes; "Ontem ao Luar" (biografia de Catulo da Paixão Cearense), de Murilo Araújo; "Meleagro", de Luis da Camara Cascudo; "Gula do Folclore Gaúcho", de Augusto Meyer; "O Teatro de Nelson Rodrigues", de Fonseca Pimentel; "Alma e Corpo da Bahia", de Eduardo Tourinho; "No Mundo da Paz", de Jorge Amado; "O Conteúdo Político das Constituições", de Candido Mota Filho; "Direção em Critica Literaria", de Almir Camara de Matos Peixoto; "A Tragedia de Piedade", do gen. Dilermando de Assis (tambem um "best-sellers" de 51); "Bahia — Imagens da Terra e do Povo", de Odorico Tavares; "Domiciais", de José Valadares; "Medicina Popular", de Eduardo Campos; "Migalhas Folclóricas", de Mariza Lira; "Angustia Social", de João Lira Filho; "O Romance de Villa-Lobos", de C. Paula Barros; "Discurso e Conferencias na Europa", de Leonidio Ribeiro;

"Rui", de Michel Simon; "Rui Barbosa, Ministro da Independencia Economica do Brasil", de Humberto Bastos; "Pelo Maravilhoso Reino da Musica", de Lucilla de Figueiredo; "Direito do Trabalho e Democracia Social", de Oliveira Viana; "Medicina e Medicos", de Valdemar Berardinelli.

OUTROS LIVROS

No capitulo dos lançamentos merecem ainda referencia os volumes: "50 Cronicas Seleccionadas", de Rubem Braga; e "Suite Brasileira", crônicas de Marques Rebelo; as reedições de "Nordeste" e "Sobrados e Mucambos", de Gilberto Freyre; de "Tigipió e Garimpos", de Herman Lima, e de "Enquanto Ela Dorme" e "Guerra das Fechaduras", de Ernani Fornari.

A Livraria José Olympio Editora editou os romances de José de Alencar; a Saralva iniciou a publicação da coleção Romances do Brasil; "O Tempo e o Vento", de Erico Veríssimo, foi editado nos Estados Unidos; e livros de Machado de Assis foram traduzidos para o alemão, francês e espanhol.

ALGUNS ACONTECIMENTOS

Entre os acontecimentos mais significativos de 1951, nas letras, citam-se os seguintes: Austregesilo de Athayde é recebido na Academia Brasileira de Letras, e Fernando Nobre na Academia Paulista de Letras; publica-se o "Diário Secreto de Humberto de Campos", que provocou vivos comentarios; realiza-se em Porto Alegre o IV Congresso Brasileiro de Escritores, com a participação de 200 congressistas; Alvaro Lins e Afranio Coutinho vencem em primeiro e segundo lugar, respectivamente, o concurso para preenchimento das catedras de Literatura do Colegio D. Pedro II; celebram-se os centenários de Silvio Romero, Pereira da Costa, Manuel Querino e Vale Cabral, pioneiros dos estudos folclóricos no Brasil; realiza-se o I Congresso Brasileiro de Folclore; os filsofos Gabriel Marcel, francês, e Jules Ayer, inglês, visitam o nosso país; Maria da Saude Cortesão e Darcy Ribeiro conquistam o premio Fábio Prado; Paula Dantas e Valdomiro Autran Dourado são premiados pelo "Jornal de Letras"; comemoram-se os cinquentenários de José Lins do Rego, Cecilia Meireles e Luis Jardim; numerosos escritores de varias partes do país e do mundo reúnem-se em São Paulo por motivo da I Bienal de Arte; há um "golpe de Estado" no Clube de Poesia de São Paulo, reduzindo-se o numero de associados de 100 para 33; o criminoso Francisco Antonio de Alencar, condenado a 24 anos de prisão, vence um concurso de contos instituído pela Prefeitura de Belo Horizonte.

ESCRITORES QUE MORRERAM

Dois escritores morreram tragicamente em desastres de aviação: o romancista Galeão Coutinho e o poeta paraibano José Gonçalves de Medeiros Neto. Morreram tambem no ano passado: Oliveira Viana, Julio Belo, Godofredo Rangel, Silvino Lopes, Ottoniel Mota, Noraldino Lima, Erico Filho e o gen. Dilermando de Assis. — G.P.R.

12.

MIRANDA, ADALMIR DA Cunha. Velhice e outros contos. *Diário da Bahia*. [s.l.], 7 jan. 1952.

VELHICE E OUTROS CON-
TOS — Oito contos de Salim
Miguel estão reunidos nesse vo-
lume apresentado pelas edições
"Sul", de Florianópolis. O autor
participa ativamente do movi-
mento cultural de Santa Cata-
rina, como um dos componentes
da revista "Sul", do "Círculo de
Arte Moderna de Santa Catari-
na". Salim Miguel tem colabo-
rações esparsas na imprensa li-
terária do sul do país e faz par-
te da "Antologia de Contos de
Escritores Novos do Brasil", or-
ganizada há algum tempo para
a Revista Branca por Saldanha
Coelho.

114 — CLÃ

Salim Miguel — VELHICE E OUTROS CONTOS — Edições SUL — Florianópolis, 1951

O que mais chama a atenção nesse livro de Salim Miguel, um "novo" de Santa Catarina, integrante do inteligente grupo da revista SUL, é o estilo: um estilo muito pessoal, em que os velhos canones foram abolidos, dando ao leitor surpresas a cada momento e interessando-o grandemente na leitura do livro.

A arquitetura dos contos também merece registro especial. Salim Miguel não adota a clássica forma maupassantiana da história curta, nem tão pouco se prende às linhas traçadas por Tchecov e Katherine Mansfield. Seus contos são antes espetáculos em que cada cena tem individualidade; os personagens aproximam-se por fios misteriosos do subconsciente, e por isso mesmo, em todos os momentos, vivem várias vidas, que se entrosam sem se superpôr.

É o que se nota, por exemplo, em "Carnaval: casos de Esperidião", em "Alvina, essa minha noiva", em "Velhice", a história que dá título ao livro. Na verdade, em cada um desses contos não há apenas um enredo: não há, às vezes, nem sequer enredo, pois quase sempre ficam inacabadas as histórias. A técnica usada pelo A. é engenhosa: em "Carnaval: casos de Esperidião", por exemplo, o

personagem é levado a assistir a um desfile carnavalesco e enquanto assim faz surgem mil fatos diferentes, pedaços de vidas dos transientes, dos participantes do corso, do próprio personagem, do companheiro que o induz a presenciar o desfile. ..No final, o leitor fica sem saber em que consistiu, realmente, a história: mas fica, por outro lado, com uma visão nitida de dezenas de seres humanos, de dezenas de dramas íntimos, de inúmeros problemas que, desdobrados, ou cada um deles estudado separadamente, dariam outros contos.

Igual fato se verifica nos demais contos de Salim Miguel. Em "Alvina, essa minha noiva", há um desdobramento proustiano de assuntos: enquanto a maníaca vai contando ao estudante de medicina os seus males imaginários, o personagem do conto, por associação de ideias, provocada por algumas palavras ouvidas da conyversa, reconstitui a história que deveria escrever (o personagem é escritor), história de que, por isso mesmo, só nos aparecem quadros isolados.

O livro do sr. Salim Miguel possui, assim, esse grande mérito de ser um livro diferente. É uma obra que, como os contos de Dalton Trevisan, está fadada a ocupar lugar de destaque na moderna literatura brasileira.

F. M.

A estréia de Salim Miguel

POR GUIDO VILMAR SASSI

Domingo, especialmente chuvoso, é ideal para se pôr a correspondência em dia, matutar preguiçosamente sobre os problemas da vida, ou então reler velhos livros muito amados. Hoje, que não há cartas para escrever, e a vida me parece um mar de rosas — molhadas pela chuva é claro, tomo o livro de Salim Miguel, «Velhice e outros contos», e ponho-me a lê-lo pela terceira vez. Isso, dito por um leitor do século XX, acostumado ao rádio, às pilulas condensadas de «Seleções», aos rodapés de jornais, aos suplementos, já é um elogio. O homem de hoje não relê mais, e, mesmo quando lê sómente, o faz às pressas, saltando frases inteiras, sem aproveitar todas as subtilezas que lhe oferece a obra, sem se deter nos pensamentos, acompanhando a escalerização constante do viver neste pós-guerra. Eis porque — repito, dizer alguém que leu um livro pela terceira vez, é já fazer um elogio ao seu autor, e elogio dos maiores.

Li «Velhice e outros contos», pela primeira vez, quando os originais ainda estavam datilografados, com suas emendas e correções, pela segunda quando do lançamento do livro, e agora, hoje: Minha opinião não modificou, absolutamente, em nenhuma das três leituras.

Ao escrever esta nota, não me impede nenhum sentimento crítico. Tão sómente o amigo é que aqui se externa, elogiando sem regateios, quando a ocasião se apresentar, e censurando com a sem-cerimônia autorizada pela amizade, quando algo não me agrada. Sómente

o amigo e o leitor comum aqui se expressam nunca o crítico, principalmente o crítico que existe atualmente no Brasil: sujeito que, dede em riste, professoral, diz coisas que nunca passaram pela cabeça do autor. Fala aqui, apenas, a sinceridade e o gosto pessoal nada mais.

E, para começar, vou «tocar o pau». O conto que abre o livro, «Carnaval; casos de Espiridão», mais parece uma brincadeira, da qual só se salva o estilo, o estilo enxuto e preciso, que nos obriga a ler catorze páginas de coisa nenhuma, engodados por êle. Já em «Alvina, essa minha noiva», Salim Miguel se revela um verdadeiro contista, quer pela originalidade da história, quer pe-

la técnica, verdadeiramente de mestre. A peça principal do livro é constituída pela trilogia «Velhice», «Um Dois e Três». São três histórias contactadas, em seguimento uma da outra, nas quais o autor colocou tudo o que tinha de melhor, a nata de seu talento. Ajudados por um estilo magnífico (o estilo, em Salim Miguel, é a sua principal qualidade de literato), os temas se

Cont. na 4a, página

APONTAMENTO

"Velhice e outros contos,"

por SALIM MIGUEL

Não há dúvida que o Brasil é uma Nação em pleno desenvolvimento. Dia a dia nos chegam notícias sobre os progressos que está realizando em todos os sectores de vida nacional. No campo literário, novos valores estão surgindo. Valores cheios de ideias humanas, com sua mensagem de Paz, dotados de uma técnica «sui generis» na construção das suas obras.

Seja-me permitido destacar desde já um nome: Salim Miguel, e uma obra: «Velhice e outros contos».

Salim Miguel é um moço escritor que vem dando provas evidentes de estar na posse de um estilo vivo, palpitante, na sua colaboração que a revista «Sol» — dirigida pelo Dr. Anibal Nunes Pires e secretariada por Waldemar Cardoso da Silva, dois outros valores reais — vem publicando.

Salim Miguel publicou há tempo um magnífico livro de contos a que deu o expressivo título de «Velhice e outros contos» — livro este que acabo de ler num hausto, tal o interesse que o seu conteúdo humano encerra. Escrito numa linguagem bastante viva, «Velhice e outros contos» não parece ser obra de um estreitante nas Letras. São ao todo oito, os contos: Carnaval; casos de Espiridião — Alvina, essa minha noiva — Velhice (Um, Dois e Três) — Medo — História banal e, por fim, Jantar em Família. Todos estes contos têm uma expressão difícil de definir, pois são um misto de vida real e vida sonhada.

As figuras agitam-se sob os impulsos mais diversos e o que vemos não é uma personagem central a dominar cada conto, mas sim uma multidão movendo-se, com seus problemas, suas tarefas, seus interesses e seus sentimentos como em «Carnaval, casos de Espiridião».

Mes já em «Alvina, essa minha noiva» há qualquer coisa de subtil, de lírico, que nos encanta enquanto por outro lado «Velhice, um, dois e três» são três contos densos. Há que prestar atenção ao poder narrativo que Salim Miguel nos mostra na «História banal» assim como há que apreciar «Medo» e «Jantar em Família», dois contos extraordinários na sua singeleza criadora.

Salim Miguel é um verdadeiro escritor e não me admira nada que dentro de algum tempo o seu nome seja em Portugal tão popular como os de Erico Verissimo, Lins do Rego, Monteiro Lobato, os irmãos Condés, se Salim Miguel persistir na carreira literária para a qual tem boas aptidões.

Octávio Rodrigues de Campos

Notícia sôbre dois poetas

JOSE' ROBERTO DO AMARAL LAPA

O segundo poeta de hoje é Antônio Paladino, jovem intelectual integrante do grupo do Círculo de Arte Moderna de Florianópolis, Sta. Catarina, e prematuramente falecido em 20-5-1950.

Como derradeira homenagem a esse poeta, os intelectuais de Florianópolis reuniram agora no livro "A Ponte", suas produções em prosa e verso.

A propósito do Círculo de Arte Moderna de Florianópolis, bem como de sua revista "Sul" já tive ocasião de referir-me

quando da crítica ao livro "Velhice e outros contos" do sr. Salim Miguel.

Volto agora a admirar mais esta excelente mostra da jovem inteligência daquele Estado do Sul.

Andaram muito bem os diretores das Edições "Sul" em incluírem em seu programa editorial essa tocante homenagem, que representa a publicação de "A Ponte."

Os versos de Eglê Malheiros em "Fim" e o estudo de Salim Miguel abrindo o livro constituem dois instantes dos mais sérios para a nova inteligência de Sta. Catarina.

Dão as Edições "Sul" com esta obra, ensejo para a cultura brasileira meditar profundamente em nossa revivescência literária. Tenho certeza que esta geração que deu iniciativas, como a Revista Branca, como a recente Revista "Ensaio" e como este volume de "A Ponte" está definindo agora mais do que nunca sua posição intelectual.

Não posso considerar no mesmo nivelamento dos epítetos pejorativos com que arrazoam a geração "coca-cola", um nome como Antônio Paladino. Os autênticos valores sobrenadam mais cedo ou mais tarde à chusma mediocre de poetastros, filhos bastardos da poesia.

A história de Antônio Paladino, que Salim Miguel conta é a história de toda a atual geração intelectual brasileira. Todos os sacrificios todos os aramos do meio-ambiente literário, todo o desamparo em que mergulham os nossos jovens amantes da pena. É a luta inglória dos moços. Não é história da vida de A. Paladino, é a nossa história, a história provinciana da nova inteligência brasileira!

Não me cumpre esgarçar o crepe dos seus versos, lavar o tom nostálgico e elegíaco dos seus contos. Há algo de identificação íntima, de reciprocidade, de mútua confiança que me aconselha a não opinar sobre a obra. Digo isso, porque Antônio Paladino não teve a expressão verbal como escopo de sua poesia, não distribuiu palavras ou sons, não lançou mão do indiscutível valor poético de metáfora, mas edificou na conjuntura de suas realidades o consórcio da complexidade existencial com as pulsações egocêntricas. Não devo profanar com juízo terreno ou individual aquilo que ele sabia ser dele, aquilo que ele fez, e que, continua sendo de sua posse, mas que pela própria constituição que assumiu, pelo próprio humanismo que encerra, logrou o milagre de ser nosso também.

Qual! não devia ter falado hoje em apreciação de obras e autores, pois acabei extravasando um pouco de reflexo do tempo, de invocação de um nome que não cheguei a conhecer, mas que arrogo o direito de lembrar em testemunho de uma geração!

Tinha razão o prezado amigo João de Souza Ferraz, quando dizia domingo passado em Araras, da sua surpresa pelo volume de poesias e poetas que tem surgido ultimamente no Brasil...

ENTRE O CINZEIRO E A LAMPADA

Neste registro de livros recebidos, procuraremos noticiar, com breves comentários, obras de ficção, poesia e ensaio, adotando o critério cronológico das remessas.

Paulo Dantas — "COELHO NETO" — Edições Melhoramentos — São Paulo, 1952

COMO quarto volume da série "Grandes Vultos das Letras", escreveu o romancista Paulo Dantas esta pequena biografia do autor de *Rei Negro*, a qual traz todas as qualidades do seu trabalho anterior para a mesma coleção — *Tobias Barreto*. Conseguiu ele selecionar com muito critério e bom-gosto os principais elementos literários e humanos da vida do seu biografado, e entre eles, estabelecer o necessário elo de unidade e interesse.

Narrativa vivaz e espontânea, este pequeno volume é uma agradável leitura e, ao mesmo tempo, uma boa sumula para o conhecimento daquele que foi outrora o glorioso "Príncipe das Letras" no Brasil e que hoje se acha tão melancolicamente esquecido.

Salim Miguel — "VELHICE E OUTROS CONTOS" — Edições Sul — Florianópolis, 1951

FATO curioso e digno de nota é o grande incremento assumido pelo conto em nossas letras atuais, especialmente entre os escritores das novas gerações, de norte a sul do Brasil. Praticam esse gênero literário dezenas de autores, com maior ou menor êxito, podendo-se citar alguns deles que adquiriram nome especialmente no gênero, como por exemplo: Guimarães Rosa, com o seu excelente "Sagarana"; José Condé, Saldanha Coelho, Almeida Fischer, Lígia Fagundes Teles, Breno Acioli, Leonardo Arrolo e Vasconcelos Maia.

Agora de Santa Catarina nos chega este volume de Salim Miguel, positivamente uma vocação de contista. Do seu livro destacamos "História Banal", "Jantar em Família", "Velhice, Um" e "Velhice, Dois", como melhor realizados e que bem demonstram as suas reais possibilidades literárias.

Arquiteto Joaquim de Almeida Matos — "VIDA E CRESCIMENTO DAS CIDADES" — Editora Globo — Porto Alegre, 1952

EM bela edição enriquecida por 61 ilustrações, acaba de aparecer este valioso trabalho do arquiteto Joaquim de Almeida Matos, como um estudo de "Introdução ao Urbanismo".

Muito bem lançado, em suas linhas gerais de planejamento, e meticolosamente desenvolvido em seus pormenores de exposição, estatística e soluções, divide-se o volume em várias partes, a saber: "Evolução da Cidade", "Evolução do Planejamento", "Preliminares do Plano", "Densidade Demográfica", "Zoneamento", "Parcelamento Imobiliário", "Habitação", "Habitações Populares", "Trabalho", "Recreações", "Transportes", "Problemas Complementares", "Urbanização de Cidades Envelhecidas", "Cidade e Campo", "Arte Urbana e Urbanismo", "Contribuições Teóricas" e "Financiamento e Execução".

Gastão Tojeiro — "A TAL QUE ENTROU NO ESCURO" — Organização Simões — Rio de Janeiro, 1952

OS frequentadores de teatro no Brasil, aqueles que apreciam os espetáculos ligeiros, as comédias para rir, há muitos anos conhecem o nome de Gastão Tojeiro, o famoso autor de peças que fizeram época no Rio e no Brasil inteiro, através de grandes e pequenas companhias. Assim, por exemplo, não há quem ao menos não tenha ouvido falar "O Simpatico Jeremias", "Onde Canta o Sabiá" e várias outras comédias campeãs de popularidade.

Ora, é com uma peça de Gastão Tojeiro — "A Tal que Entrou no Escuro" — que a Organização Simões inaugura a sua coleção teatral, sob a agide do velho e sempre querido Martins Pena, em bela edição destinada a largo sucesso entre os apreciadores desse gênero literário.

Livros & Cultura - 8

Salim Miguel (2) velhice

Após "Carnaval: Casos de Espiritidão" e "Alvina, Essa Minha Noiva", seguem três contos em torno da problemática do título geral, a velhice. "Velhice I" focaliza a temática do velho que, sem condições próprias, procura realizar-se em outros; o narrador é um moço que, ao percorrer as casas para preencher fichas, certo dia entra, a convite, numa casa de dois velhos italianos excêntricos. Alessandro Galliani coleciona relíquias e sua irmã Julieta faz belas flores. Após ver os relíquias, o narrador visitante é submetido a experiências com os diversos licôres para que o velho sinta através do moço, já que não pode mais beber, e a irmã se realiza vendo apreciados os licôres que faz. Naturalmente, o narrado perde em seguida a noção de tudo.

"Velhice, Dois" explora outro aspecto da velhice. Vê-se o passado. O mesmo narrador, no mesmo título, entra numa velha casa (de suspense e mistério) onde a velha Otília vive de recordações, "viajando pelo passado" e as perguntas do moço são para ela "um poderoso restituidor da memória e a velha desce ao mais fundo do passado" (p. 57). Com Otília vive outra senhora que "não é como os outros, como nós, é pura, pura e já tem noventa anos..." (p. 58), vivendo obcecada pela "pureza" virgem e protestando "contra o novo mundo". E o narrador, cheio de idéias avançadas, filho do século vinte, "sentiu-se ridículo e quer "destruir aquele quadro irreal de porcelão" (p. 61). E parte, deixando as velhas viverem o passado entre seus gafos. Aborrece o conflito passado x presente, velhice x juventude, havendo no conto última criação de ambientes, sobretudo o quadro do passado, cultivado até as últimas consequências.

Em "Velhice, Três" a situação é semelhante à do conto anterior; também parece, como o narrador observa, uma novela de mistério à Hoffmann ou Poe. Mas, embora nessa casa de três mulheres, a velha Tia Luzia viva de "recordar o passado", o relato centraliza-se na recordação da morte trágica do irmão dela, Clócomir — um marinho que se casara com Margarida, uma grãvel sensual e, três anos após, volta de recente para casa, tendo ouvido que a mulher o traiu, e mata o filho de dois anos e a si mesmo, fazendo enlouquecer Margarida, que se diz inocente. O conto, em tanto melodramático, explora, em noite de chuva e sem luz, numa casa de mulher louca, os ingredientes do mistério.

"Medo" é um conto de obsessão de morte — um rapaz, julgando-se mordido (ou lambido) pelo seu cão, Moleque, que parecia estranho, hidrófobo, embora não haja nada de certo, sente-se invadido de tal modo pelo temor da morte que revê toda sua vida em vista da morte. É um conto deprimente que, mais uma vez, e por parte de um moço, retoma o culto do passado: "Ah, gostaria de voltar há-ela época. Mas não, o passado não volta, nós não o sabemos reconpor e dele sempre sobra um travo amargo" (p. 75). E, embora a história seja narrada em 3ª pessoa, limita-se "com" o rapaz, ao final, a conclusão, como que existente em si má o pessimismo: "Porém, hoje ou amanhã, mais cedo ou mais tarde (...) a grande fome enfiada na cabeça por vencer" (p. 81). Este, juntamente com os contos da "Velhice", manifestou, no fundo, um anelo pelo passado, um certo saudosismo.

"História banal", também narrada em 3ª pessoa, é o único conto que explora a sensualidade, os aspectos físicos da mulher. Os demais são extremamente sóbrios. Aqui narrado e amigos querem desvendarem o mistério duma mulher bela e sensual, que os atrai. Também este conto perde um pouco a unidade, ao menos, tem-se tal sensação durante a leitura, embora o final permita a costura global: a narrativa centraliza-se ora na mulher, ora no narrador, ora no vizinho desta, para, afinal, unir essas partes num todo.

O último conto — "Jantar em Família" — reúne num jantar três gerações duma família, sendo servidas pela empregada, Maria. A estruturação aqui também merece atenção especial: inicialmente como que um observado; externo narra o que se passa na sala. Depois, porém, estabelece-se o fluxo mental das diversas personagens, o que são e a que aspiram. Finalmente, através a figura do inocente menino, filho da empregada, maltratado sem o menor cuidado por esta. Um tom de incoerência, desânimo e desilusão envolve todo.

Esses contos de Salim Miguel são bastante longos. Dignos de nota são, neles, a caracterização das personagens, geralmente muito além do que exige a conclusão do conto, e a criação de ambientes, cenários vivos para a situação das personagens. A linguagem é rítmica, sólida, muitas vezes elíptica, sincopada, como a pregada pelos modernistas. Aqui o cotidiano, uma vez descoberto, fascina, mesmo que sempre apresentado com sobriedade. (continua)

LAURO JUNKES

Literatura une autores gaúchos e catarinenses



Os escritores Flávio José Cardoso e Salim Miguel, ambos catarinenses, deverão estar na Feira hoje, às 19 horas, para o lançamento dos livros ganhadores do Prêmio Cruz e Souza de Poesia realizado naquele Estado, no início deste ano. Na mesma oportunidade, Salim Miguel estará lançando, juntamente com 14 autores de Santa Catarina, seu livro "A Velhice e Outros Contos".

Tanto Flávio como Salim Miguel participaram como autores convidados da solenidade de entrega do Prêmio Habitasul Correio do Povo Revelação Literária 1981, ocorrida no final da semana, no Hotel Laje de Pedra, em Canela. Para Salim Miguel, "parece óbvio dizer que o Prêmio Habitasul se consolidou". Segundo o autor de "A Velhice e Outros Contos", o Prêmio Habitasul é válido por oportunizar o aparecimento de novos escritores que poderão ou não confirmar as suas qualidades mais adiante. Salienta Salim Miguel que outro aspecto importante do Habitasul é o fato da entrega do trabalho impresso do autor ocorrer no momento de entrega do Prêmio.

"No caso específico deste ano, ainda não tive oportunidade de ler tudo, mas só o vencedor da categoria poesia justificaria plenamente o Prêmio Habitasul Correio do Povo Revelação Literária 1981". Flávio José Cardoso, por sua vez, ressalta a importância da adesão de uma empresa privada no processo cultural do Estado do Rio Grande do Sul.

"Não é uma promoção feita apenas pelo Estado, mas que conta com a participação de uma empresa que compreende a sua função social e estende parte de sua ação na promoção da cultura". "Importante também — diz Flávio José Cardoso — foi o contato que mantivemos com diversos autores e jornalistas, transformando o encontro num acontecimento dinâmico".

**CATARINENSES
NA FEIRA**

Porto Alegre foi a cidade

de escolhida para o lançamento nacional dos autores premiados, este ano, no Prêmio Cruz e Souza. Explica Salim Miguel que a escolha tem o sentido de aproximação das áreas culturais dos dois Estados, devido o relacionamento entre os catarinenses e gaúchos.

"Então — diz Salim — outro fato que predomina nesta escolha de lançamento aqui em Porto Alegre é que a Feira do Livro é hoje, sem dúvida, a promoção mais importante do País no gênero. Não pela venda dos livros, pois nós sabemos que isto importa pouco, é pelo contato, pela promoção, pela abertura que oferece a este objeto tão esquivo que é o livro".

Para o lançamento, adianta Salim Miguel, virão os três autores premiados no Cruz e Souza: Ruy Espinheira Filho, de Salvador; Yonne Giannetti Fonseca, de São Paulo, e Omar Pisani, de Santa Catarina.

O Cruz e Souza faz parte de um programa mais amplo, chamado "Programa de Identidade Catarinense", que além do concurso, reeditou a poesia do Cruz e Souza e está incentivando atividades musicais, artes plásticas, teatro e no próximo ano fará uma grande programação comemorativa sobre o pintor Vitor Meirelles.

Lembra o autor que a obra de Cruz e Souza, que estava esgotada há quase vinte anos, em 1982 deverá ter lançado o seu segundo volume, sendo que este "contará com a prosa do grande simbolista brasileiro. Todo o trabalho de e-

ditoração estará sendo feito na imprensa oficial do Estado, e os que têm tido a oportunidade de ver as edições são unânimes em reconhecer o alto nível das mesmas".

VELHICE E OUTROS CONTOS

Comentando a reedição de seu livro "Velhice e Outros Contos", que está sendo lançado na Feira do Livro de Porto Alegre, Salim lembra que a primeira edição saiu em 1951, pelas edições Sul de Florianópolis. "Durante muito tempo relutei em aceitar a reedição deste livro, porque como livro de estréia, ele me parecia conter muito de mim mesmo. Costumo dizer que com o correr do tempo o criador passa a saber se esconder melhor nas sombras de suas criaturas".

Ele explica que na época tinha muita coisa escrita e publicada, inclusive, outro livro de contos que nunca chegou a ser publicado. "De repente os contos deste livro se impuseram e foram escritos num período de um ano, por isto eles têm unidade de tratamento. Seis deles são escritos na primeira pessoa, um numa falsa terceira pessoa e um único na terceira pessoa convencional".

Neste livro — enfatiza Salim Miguel — existem algumas constantes que ele retomaria em trabalhos posteriores, como a preocupação com a velhice e a morte e o inter-relacionamento conflituoso do ser humano. "numa Biguaçu, cidade mítica e real ao mesmo tempo, onde se situam quase todos os trabalhos publicados nestes 30 anos de vida literária".





Salim Miguel volta com "Velhice", 30 anos depois

Salim Miguel, a estréia revisitada 30 anos depois

Da sucursal do RIO

"O criador aprende a se esconder melhor nas sombras de suas criaturas ao longo da obra literária." Com esse argumento, durante 30 anos o escritor Salim Miguel relutou em reeditar o seu primeiro livro por acreditar que muito dele próprio, de suas inquietações, de suas angústias e dramas existenciais estavam contidos naquelas páginas de estréia. Agora, vencida a sua proposta literária inicial e após ter escrito sete livros — dois dos quais ainda inéditos —, Salim revela, ao relançar aquele volume — "Velhice e Outros Contos", em convênio com a Fundação Catarinense de Cultura —, estar preocupado com a discussão de um tema importante: até que ponto um escritor deve dar aos leitores todos os seus textos literários, inclusive os mais antigos?

— Para mim a importância dessa reedição está no fato de que várias das colocações feitas no livro que editei em 1951 e, há vários anos esgotado, continuam válidas e ainda bem atuais, tanto do ponto de vista estético como humano. Além disso, através dos contos podem ser identificadas as próprias linhas básicas da ficção que acabei por escrever.

Assim, nessa edição de "Velhice" são encontrados os temas que sempre preocuparam o escritor catarinense: a tentativa de desvendar o interrelacionamento conflituoso do ser humano, o tom memorialístico, principalmente quando procura identificar os temas vivenciados pelos imigrantes, ao se instalarem em nosso País, as quejas vidas nas cidadezinhas do interior e a presença sempre constante da morte e da velhice.

É interessante, mas ao reler aquele meu texto para reeditá-lo na Coleção Literatura Catarinense, da série Literatura (Conto), do programa de apoio editorial daquela Fundação, percebi que, desde o início, a morte e a velhice estavam presentes em minha literatura. É por isso que, ao modificar a idéia anterior de não editar tal livro, acho

que todos os escritores deveriam fazer o mesmo. Tal iniciativa acaba sendo uma forma de melhor entendermos, como criador, o perfil psicológico de nossos personagens.

Além disso, outra preocupação de Salim Miguel, que é também jornalista, crítico literário, argumentista e roteirista de cinema, foi a de publicar, junto dessa sua reedição, a crítica literária que seu livro recebeu na época do lançamento. Vários artigos foram, então, publicados não só no Brasil, como em outros países de língua portuguesa, principalmente os africanos. E em vários desses artigos, os críticos procuravam apontar as inovações formais e estilísticas, a inventiva e a criatividade que encontraram ao longo dos oito contos selecionados por ele: "Aliás foi ao reler tais opiniões que, 30 anos depois, resolvi mudar de idéia deixando assim que o criador aparecesse de corpo inteiro, sem nenhum outro disfarce, através de suas próprias criaturas".

Autor de "Alguma Gente", "O Primeiro Gosto" e "A Morte do Tenente e outras Mortes", no cinema o sucesso alcançado por Salim Miguel veio com os filmes "A Cartomante", baseado em um conto de Machado de Assis, realizado em 1974, e com "Fogo Morto", do romance do mesmo nome de José Lins do Rego, que ao ser exibido, em 1976, conseguiu grande sucesso de público e crítica, chegando a ser escolhido para representar o Brasil em vários festivais internacionais.

Salim Miguel foi também um dos editores da revista *Ficção*, publicada de 1978 a 1979, que realizou todo um mapeamento abrangendo a ficção presente e passada do Brasil e do Exterior. "Conseguimos publicar na *Ficção* mais de 500 autores, não só brasileiros como também os mais importantes de vários países. Além de escritores conhecidos, o maior mérito, sem dúvida, da revista foi o de lançar autores nacionais, até então inéditos, e muitos desses são hoje nomes de destaque da nossa literatura. Infelizmente, por dificuldades financeiras, já que não conseguíamos anúncios, a revista teve de ser fechada."

Silveira, Guido e Salim (de "Sul") autografam juntos



THEOBALDO COSTA JAMUNDA

Se alguém quiser receita para ser bom ficcionista, consiga os ingredientes para ter a criatividade convincente de Guido Sassi, a capacidade de elaboração literária esteticista de Silveira de Souza e a concisão para redigir como Salim Miguel.

Evidentemente se conseguir manipular a receita e usá-la, correrá o risco de ser um escritor de ficção com as privilegiadas qualidades dos três. Então só precisará do editor, que cada um daqueles ainda não tiveram. Se e tivessem, desde muitos, estariam no grupo dos, regularmente, editados da faixa Rio-São Paulo.

Evidentemente, são três escritores aqui em Florianópolis, aí em São Paulo ou acolá no Rio de Janeiro. São três que viveram e conviveram no Grupo Sul (apareceu na década de quarenta deste século) fazendo uma literatura como arte, sem dispensar o saber escrever, o ter criatividade e o preservar um estilo que fosse identificador do esforço intelectual do grupo. Agora os imponderáveis os junta (de certa maneira 40 anos depois mais ou menos) para apresentá-los com os livros, que são provas do que faziam no tempo, hoje, muito falado, do Grupo Sul. É aceitável, que muita gente não saiba o significado de vermos juntos e ainda bem agradavelmente, em Florianópolis: Guido Sassi, Silveira de Souza e Salim Miguel. Não saiba nem esteja sensibilizada para valorizar o momento literário de escol. E até confunda, que são apenas mais três escritores envolvidos no aquecimento literário de responsabilidade da Fundação Catarinense de

Cultura. Entretanto sendo eles remanescentes das atividades do Grupo Sul não podem ser confundidos com novíços. Além de veteranos enraizados na Literatura, de um período de inquietação conhecido por nome que foi o mesmo do periódico intitulado: "SUL" — revista do Círculo de Arte Moderna — eles já são conceituados dentro e fora do território de Santa Catarina e não é deste presente vivido agora, que representam bem o ficcionista brasileiro.

Os três nos perfis que oferecem embora diferentes nas personalidades, na exploração dos temas e do modo como situam-se no painel da inteligência catarinense, já são firmados nos próprios nomes literários. Um detalhe é comum à vida intelectual dos três jamais foram ingênuos e pretenciosos embora desde o aparecimento com "SUL" — revista do Círculo de Arte Moderna — revelassem domínio de talento adequado e saber escrever histórias com palavras. E mais ainda, que apesar de conscientes da bagagem dos próprios esforços nobre, principalmente, aplicados na busca da identificação do "Literato Catarinense" ninguém os viu com o estandarte anunciador de serem cultores e cultivadores do esteticismo literário acanhadamente municipalista ou regionalzinho. Aliás, eles mesmos (como todos do Grupo Sul) disseram alto, que eram de um Movimento Literário catarinense pela geografia porém situado no universo da

Literatura Brasileira, fizeram questão em forma de ideal, para alcançar colaboradores e acolher participantes em cada estado da Federação Brasileira ou nos países da fala portuguesa ou espanhol. Foram orgulhosos da sombra da Figueira da Praça, exatamente na busca de ganhar o universo de uma literatura maior: quiseram relacionamento, acolheram colaborações e deram contribuições: foram convincentes juntos, foram batalhadores literários juntos, foram polêmicos e polemizados juntos. Por serem o que são sem clarínadas anunciadoras fazem o momento especial (neste novembro dos 120 anos de Cruz e Sousa) da Literatura a qual pertencem por nela terem aparecido e para ela contribuírem. Guido Sassi reaparece com reedição selada pelo Movimento "Antigo Velho", seu segundo livro de contos, já com 24 anos de idade; Salim Miguel, também reedição do seu livro, Velhice e Outros Contos com o selo da FCC. Foi o primeiro livro dele e tem 30 anos. Os dois estavam inteiramente esgotados. Quem não os tinha pode tê-los agora. Silveira de Souza retorna para autografar um novo título selado conjuntamente pela FCC e a Atica. E o seu "Cavalo em Chamas"

Silveira, Salim e Sassi

"O Cavalo em Chamas" de Silveira de Souza, "Velhice e Outros Contos", de Salim Miguel e "Amigo Velho" de Guido Wilmar Sassi, obras reunindo poemas e contos, serão relançadas hoje no "hall" da Celesc, às 20 horas, numa promoção da Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina e Fundação Catarinense de Cultura.

Trinta anos depois de publicado, reaparece este livro de estreia, "Velhice e Outros Contos" de Salim Miguel, que foi bem recebido pela crítica da época, que enalteceu as inovações formais e estilísticas, inventivas e criativas. Segundo a crítica literária, "o autor sempre relutou em reeditá-lo. Porque? Talvez por encontrar, nas páginas da obra, muito dele próprio, o que vai deixando de ocorrer com o passar do tempo, quando o criador aprende a se esconder melhor nas sombras de sua criatura. Algumas propostas contidas no livro continuam lhe parecendo válidas e de inquietante atualidade, tanto do ponto de vista estético como humano".

O livro de Salim Miguel é prefaciado por Silveira de Souza, que lembra o fato de Salim estar ligado a literatura de Santa Catarina desde 1940, e por isso, "não poderá deixar de ser evidenciado como um dos mais importantes e atuantes. Os contos de Salim Miguel não se estruturam à maneira tradi-

cional de contar uma estória, com princípio, meio e fim, na qual os personagens se acham previamente delineados no seu perfil psicológico e nas suas ações".

Outro livro que será relançado é "O Cavalo em Chama" de Silveira de Souza, que segundo Torrieri Guimarães, é um livro notável e digno de atenta leitura, por muitos aspectos positivos, seja pela qualidade do texto, seja pelo ineditismo dos relatos, seja pelo muito que acrescenta à própria indagação existencial do leitor". Ainda segundo Guimarães, é "um livro que comunica, estimula a imaginação, sem deixar de ser uma obra trabalhada no melhor sentido da verdadeira obra literária. Aqui está, portanto, um estimulante desafio ao leitor, porque ao mesmo tempo em que a narração o satisfaz, ao nível da leitura, como distração, também o leva a conviver com figuras e fatos não usuais que ferem a imaginação e o obriga, de certo modo, a participar gostosamente do ato criador do artista.

O terceiro livro a ser relançado é de Guido Wilmar Sassi, "Amigo Velho", da editora Movimento. Paulo Rónai, no Suplemento Literário do Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 1957, diz que a obra de Wilmar Sassi, "patenteia as mesmas qualidades e confirma a impressão de um talento real, em pleno amadurecimento."

Martha Robles chega do México para visita cultural ao Brasil

Para uma série de conferências em Recife (onde será recebida por Gilberto Freyre, no Instituto Joaquim Nabuco), em Salvador e no Rio, chegou ontem ao Brasil a romancista e ensaísta mexicana **Martha Robles**, titular de metodologia e história da educação e de ciências políticas e sociais da Universidade Autónoma do México.

Ainda hoje a escritora mexicana estará, a partir das 20h, no Espaço Cultural Francisco Alves (Farme de Amoedo, 57, Ipanema), para falar sobre "Panorama da poesia feminina mexicana". Amanhã, às 17h, **Martha Robles** irá, às 20h, ao Centro Cultural Cândido Mendes (Joana Angélica, 63) para um encontro com escritores e jornalistas, quando fará a leitura de trechos de *Biografias clandestinas*, seu mais recente livro, que inicia uma trilogia.

Nascida em Guadalajara, Jalisco, em 1948, **Martha Robles** vem ao Brasil sob os auspícios dos Serviços Culturais da Embaixada do México. Seu primeiro livro de ensaios, *Educación y sociedad en la história de Mexico* (1977) destacou-se pelo ineditismo do tema. Seu primeiro romance, *Memoórias de la libertad*, aparecido em 1979, focaliza os problemas de uma jovem que luta por sua independência dentro de um contexto familiar. Essa obra conferiu-lhe um lugar de importância na literatura mexicana, pois nele aborda, pela primeira vez, a problemática da mulher contemporânea, do

ponto de vista feminino. O romance mostra dois personagens, mãe e filha em contraponto. Completam a trama os diários de Mariana, a filha, no qual está presente o fantástico, e a figura do pai que provoca as contradições familiares.

● **AS MUITO RÁPIDAS** — Para 1982, entre outras novidades, a *Nova Fronteira* já assegurou o lançamento do mais recente romance de *Marguerite Yourcenar*, *Comme l'eau que coule*; de *Droit à la beauté*, de *Ivo Pitanguy* (lançado em Paris pelo editor Jean Claude Lattès); de *Auto de fé*, do Nobel deste ano, *Emilio Canetti*; e de *Os guerrilheiros*, do caribeano *V. S. Naipaul*, que esteve no páreo de Nobel-81.

... Em dezembro, a editora da Rua Maria Angélica lançará: *Mistérios*, contos fantásticos de *Lygia Fagundes Telles*; *Ainda é tempo de viver*, no qual *Roger Garaudy* dá respostas às indagações que fez em *Apelo aos vivos*; *Estranhos embora íntimos*, contos inéditos de *Scott Fitzgerald*; *Cartas*, de *Murilo Miranda* e *Mário de Andrade*; *A orientação dos gatos*, de *Júlio Cortazar*; e *Contos de mistério, terror e morte*, de *Edgar Allan Poe*. ... Saindo dos prelos da *Global: A Máfia manda flores* — *Mariel*, o fim de um mito, de *Paulo Markun* e *Ernesto Rodrigues*. Outro recente lançamento da *Global* é *Sabor de Química* — *Crônicas Nordestinas*, de *Roniwalter Jatobá*. ...

● Prossegue a *Record* no lançamento, relançamento, aliás, da obra de *Somerset Maugham*. Agora, sai *Um gosto e seis vinténs* (*The moon and sixpence*), em tradução de Rosane Maria Pinho, 236 páginas, Cr\$ 750. Baseado na vida do pintor francês Gauguin, o personagem principal deste romance abandona o lar, o trabalho, e resolve realizar seu sonho de artista sem obedecer a freios de ordem moral ou de qualquer outra natureza. *William Somerset Maugham* (Paris, 1874 — Antibes, 1965) estudou na França, na Inglaterra e na Alemanha mas sempre escreveu em inglês. Este *Um gosto e seis vinténs* tem sido considerado pelos críticos como um dos pontos altos de sua criação ficcional, ao lado de *O fio da navalha*, *Servidão humana* e *O véu pintado*.

● Saindo dos prelos da Editora Universidade de Brasília, de autoria de *John B. Morral*, titular de ciência política da London School of Economics, *Aristóteles* (126 páginas, Cr\$ 290). Uma interpretação do pensamento político de Aristóteles no contexto da experiência grega — a primeira tentativa de fundamentar a política na participação racional de um corpo de cidadãos. Trabalho de erudição, enriquecido por extensa bibliografia comentada. *John B. Morral* é especialista em pensamento político antigo e medieval, sobre o quem vem escrevendo nos últimos 30 anos.

● Em lançamento da Fundação Catarinense de Cultura está sendo lançada a segunda edição do *Velhice e outros contos*, coletânea de histórias curtas com que *Salim Miguel* se estreou na prosa de ficção em 1951. O tom memorialístico, as pequenas vidas nas pequenas cidades, a presença obsedante da velhice e da morte, a tentativa de desvendar o inter-relacionamento

conflituoso do ser humano, são constantes nestes contos, nos quais a crítica da época detetou inovações formais e estilísticas, inventiva e criatividade. *Salim Miguel* nasceu no Líbano, em 1924. Veio para o Brasil bem cedo e naturalizou-se brasileiro, logo fixando-se em Santa Catarina, sendo considerado catarinense de quatro costados. Casado com a escritora *Eglê Malheiros*, além deste

Velhice publicou *Alguma gente*; *O primeiro gosto*; *Rede*; *A morte do tenente e outras mortes*. Jornalista profissional com atuação na imprensa do Sul e do Rio de Janeiro, tem escrito também roteiros para o cinema: "O preço da ilusão" (com Eglê Malheiros), "A cartomante", de *Machado de Assis*, e "Fogo morto", de *José Lins do Rego*.

● Recentes lançamentos da Brasiliense: *A classe operária no Brasil (1889 — 1930, vol. II)* de *Paulo Sérgio Pinheiro* e *Michael M. Hall*. Textos e documentos voltados para o modo de existência dos trabalhadores, resultante de uma rede complexa de relações na profissão, na indústria, no nível de vida, na tradição, o que os técnicos chamam de "condição operária"... *Marxismo heterodoxo*, introdução e organização de *Maurício Tragtenberg*. Coletânea de ensaios de *Herman Gorter*, *Jan Wacław Makaiski* e *Amadeu Bordiga*. ... *Uma introdução à história*, de *Ciro Flamarion S. Cardoso*, na Coleção Primeiros Vóos.

● Para a estante corpo/saúde: *O corcel do corpo* (Novas vias da antiginástica), de *Thérèse Bertherat* e *Carol Bernstein*, *Martins Fontes*. Busca de uma terapia global que leve em conta não só as razões psíquicas que tornam o corpo suscetível de acolher a doença e as deformações, como as causas mecânicas do mal. Descreve e critica numerosas terapias psicocorporais, muito em voga, e fala sobre a antiginástica, em que a palavra e o contato com os outros são "incorporados". ... *A criança e seu corpo* (Psicossomática da primeira infância), de *L. Kreisler*, *M. Fain* e *M. Soulé*, *Zahar* Editores. Três médicos estudam a psicossomática da infância, observando e discutindo desde casos de recém-nascidos que choram incessantemente, até a criança asmática, abrangendo problemas de insônia, distúrbios da conduta alimentar, espasmos do soluço e desordens da evacuação intestinal. ...

Alimentação do lactente, de *Octávio Amaury*, Editora *Cultura Médica*, em sexta edição. O autor é chefe do Serviço de Pediatria Preventiva do Instituto Fernandes Figueira e trouxe para sua obra uma longa experiência com os problemas que aborda.

O ano de 1983 será de catástrofes, causadas por uma superconjugação dos planetas. Nos Estados Unidos, a Califórnia será arrasada por um sismo de proporções gigantescas como jamais ocorreu na história da humanidade. Em todos os recantos do planeta haverá terremotos, maremotos e toda sorte de fenômenos de natureza atmosférica. Estas e outras predições estão em *A grande catástrofe de 1983* (La gran catástrofe de 1983), de *Boris Cristoff*, que a *Record* está lançando num volume de 196 páginas, Cr\$ 690, tradução de *Luisa Ibañez*.

● Recentes lançamentos da *Cultrix*; *A história da Bíblia*, de *Hendrik Willem Van Loon*, tradução de *Monteiro Lobato*. ... *História do livro*, de *Albert Labarre*, em co-edição com o Instituto Nacional do Livro. O livro, desde suas origens nas placas de argila até os mais sofisticados métodos de impressão dos nossos dias. ... *A poética clássica*, reunindo "Poética", de *Aristóteles*, "Arte poética", de *Horácio* e "Tratado sublime", de *Longino* ou *Dionísio*. Tradução direta do grego e do latim e anotações do Prof. Jaime Bruna, da Universidade de São Paulo.

Escritores relançam obras

"O cavalo em chamas" de Silveira de Souza; "Velhice e outros contos", de Salim Miguel e "Amigo velho" de Guido Wilmar Sassi, obras reunindo poemas e contos, serão relançadas hoje, no "hall" da Celesc, às 20 horas, numa promoção da Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina e Fundação Catarinense de Cultura.

Trinta anos depois de publicado, reaparece este livro de estrêia, "Velhice e outros contos" de Salim Miguel, que foi em bem recebido pela crítica da época, que enalteceu as inovações formais e estilísticas, inventivas e criativas. Segundo a crítica literária, "o autor sempre relutou em reeditá-lo. Por que? Talvez por encontrar, nas páginas da obra, muito dele próprio, o que vai deixando de ocorrer com o passar do tempo, quando o criador aprende a se esconder melhor nas sombras de sua criatura. Algumas propostas contidas no livro continuam lhe parecendo válidas e de inquietante atualidade, tanto do ponto de vista estético como humano".

O livro de Salim Miguel é prefaciado por Silveira de Souza, que lembra o fato de Salim estar ligado à literatura de Santa Catarina desde 1940, e por isso, "não poderá deixar de ser envidenciado como um dos mais importantes e atuantes. Os contos de Salim Miguel não se estruturam à maneira tradicional de contar uma estória, com princípio, meio e fim, na qual os personagens se acham previamente delineados no seu perfil psicológico e nas suas ações".

Outro livro que será relançado é "O cavalo em chamas" de Silveira de Souza, que segundo Torrieri Guimarães, "é um livro notável e digno de atenta leitura, por muitos aspectos positivos, seja pela qualidade do texto, seja pelo ineditismo dos relatos, seja pelo muito que acrescenta à própria indagação existente do leitor". Ainda segundo Guimarães, é "um livro que comunica, estimula a imaginação, sem deixar de ser uma obra trabalhada no melhor sentido da verdadeira obra literária. Aqui está, portanto, um estimulante desafio ao leitor, porque ao mesmo tempo em que a narração o satisfaz, ao nível da leitura, como distração. Também o leva a conviver com figuras e fatos não usuais que ferrem a imaginação e o obriga, de certo modo, a participar gostosamente do ato criador do artista".

O terceiro livro, a ser relançado é de Guido Wilmar Sassi, "Amigo velho", da Editora Movimentos, Paulo Ronai. No suplemento literário do Diário de Notícias, do Rio de Janeiro, 1957, diz que a obra de Wilmar Sassi, "patenteia as mesmas qualidades e confirma a impressão de um talento real, em pleno amadurecimento. Todos os contos se relacionam com o pinheiro, o amigo velho, mas muitas vezes o inimigo da gente pobre do Sul. Possuidor de verdadeira erudição em tudo o que se refere à araucária, hoje desaparecida, o autor nos dá instantâneos de sete destinos humildes, fisiológica, sentimental e economicamente ligados à exploração da madeira. Seus dotes se exercem num fato material colhido ao vivo. Daí a autenticidade dessas narrativas pungentes. O efeito delas é ainda, aqui e ali, enfraquecido por uma expressão demasiadamente direta do intuito social, mas onde é contido é a conclusão deixada à sensibilidade do leitor. Guido realiza obra de arte de alto valor".

Jornal de Sta. Catarina - 19/11/81

Salim, Sassi e Silveira de Souza relançam hoje obras reconhecidas

Uma linha em que o fantástico e o real se complementam, se explicam; a "presença obsecante da velhice e da morte", tendo como palco uma pequena cidade; e uma apologia ao pinheiro, "o herói e o vilão do livro". Estas são as temáticas que, aproximadamente, norteiam os três livros que serão lançados hoje, a partir das 20 horas, no hall de entrada da Celesc (Praça da Bandeira), na Capital, pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina e Fundação Catarinense de Cultura. Silveira de Souza lança "O Cavalo em Chamas", Salim Miguel volta com "Velhice e Outros Contos" e Guido Wilmar Sassi lança "Amigo Velho" — todas, obras que já se consagraram dentro do contexto literário catarinense há alguns anos ou até décadas atrás.

"O Cavalo em Chamas", reunião de alguns "relatos" (o autor prefere assim denominar seus textos) feitos durante a carreira de Silveira é uma co-edição da Editora Ática e da Fundação Catarinense de Cultura que, pela primeira vez, ultrapassa os mil exemplares. São três mil livros, com 14 relatos em que predomina o fantástico — razão pela qual o crítico Torriên Guimarães assegura ser uma obra "um estimulante desafio para o leitor, porque ao mesmo tempo em que a narração o satisfaz, ao nível da leitura, como distração, também o leva a conviver com figuras e fatos não usuais que ferem a imaginação e o obriga... a participar gostosamente ao ato criador do artista".

Essa opção pelo fantástico, contudo, não significa uma fuga total à realidade — é, segundo o autor, um caminho paralelo à realidade e que, de certa maneira, explica o real. "O fantástico interfere no real", resume Silveira de Souza, que acredita no poder de sua narrativa em abrir certa margem à interpretação do leitor. O objetivo, diz, é atingir "o provável leitor" de fora do Estado que ainda não conhece esse trabalho, já que aqui, embora lentamente, as edições foram se esgotando e tiveram uma boa aceitação.

Os trabalhos anteriores de Silveira de Souza foram "Sonetos da Noite", de 1958, seleção de poemas de Cruz e Sousa com xilogravuras de Hugo Mund Jr.; "O Vigia e a Cidade", contos, 1960; "Uma Voz na Praça", contos, 1962; "Quatro Alamedas", contos, 1976; e "Os Pequenos Desencontros", crônicas, 1977. O autor participou também de diversas antologias locais e, hoje atua no setor de editoração da Universidade de Letras da Fundação Catarinense de Cultura, sendo editor-chefe da publicação "Boi-de-Mamão".

Sobre a situação do mercado para a literatura no Estado, sabidamente restrito, ele acredita que, graças a dois fatores, houve uma alteração para melhor nos últimos três anos. A conscientização do escritor, que passou a procurar mais insistentemente o público, e o maior apoio oficial às iniciativas de ordem cultural, principalmente depois da criação da FCC, teriam contribuído para que a tradicional barreira aos autores locais fosse quebrada. "Num País onde não há estímulo para a literatura e as edições são pequenas e difíceis, o escritor precisa entrar nessa luta, tornando-se conhecido e podendo, depois, lutar por melhorias, como é o caso dos direitos



Salim, Sassi e Silveira de Souza

autorais. Neste sentido, os mais antigos aprenderam com os jovens, que começaram a lutar nas praças e ruas pela venda de seu trabalho".

SALIM MIGUEL

Outra reedição é "Velhice e Outros Contos", de Salim Miguel, que volta depois de 30 anos e que tenta repetir a boa aceitação da época, quando as inovações formais e estilísticas foram destacadas pela crítica. A reedição não foi cogitada por muito tempo, porque o criador, quanto mais jovem, "tem mais dificuldade em saber se esconder atrás de suas criaturas". Para a crítica, porém, algumas das propostas contidas no livro "continuam lhe parecendo válidas e de inquietante atualidade, tanto do ponto de vista estético como humano".

— Agora, 30 anos depois — lembra o autor —, pareceu-me chegado o momento de ver como estes contos seriam recebidos pela crítica e por outros leitores. À época, devo dizer que a receptividade me surpreendeu, pois embora fosse o primeiro livro lançado pelas edições Sul, de Florianópolis, foi bastante bem recebido.

No livro estão algumas constantes que Salim voltou a abordar em livros posteriores. E o caso da "presença obsecante da velhice e da morte", as pequenas vidas nas pequenas cidades, entre outras. A cidade que serve como pano de fundo é Biguaçu, município do litoral do Estado — "uma Biguaçu mítica e real ao mesmo tempo". Dentro disso tudo sobressai a tentativa de desvendar o inter-relacionamento conflituoso do ser humano. O autor lembra ainda que, "se tivesse condições", teria sido crítico literário ou ensaísta. "Daí a luta com a palavra, pois reescrevo várias vezes um texto, e quando o mesmo é publicado ainda não me satisfaz".

No prefácio do livro, Silveira de Souza enfatiza que Salim Miguel está atuando dentro da literatura catarinense desde 1940 e foi um dos grandes incentivadores dos movimentos novos e dos autores ascendentes, além de ter facilitado, através da Revista Sul, uma série de publicações. Por isso, diz ele, "não poderá deixar de ser evidenciado como um dos mais importantes e atuantes". Lembra seu trabalho como jornalista, aqui e fora do Estado, roteirista de cinema, editor de revistas e crítico de literatura.

Seu trabalho tem também certa influência da formação e origem interiorana, das regiões de colonização alemã e açoriana. Sua atuação junto às atividades culturais do País sempre foi muito forte e, ainda hoje, aparece

como colaborador na imprensa com trabalhos de ficção e crítica. Tem inéditos, uma farsa em três atos e uma novela.

PINHEIRO, HERÓI E VILÃO

Por sua vez, Guido Wilmar Sassi, um dos autores mais férteis da literatura catarinense, relança "Amigo Velho", editado inicialmente em 1957 pelo Instituto Nacional do Livro e que reúne sete histórias tendo como tema central o pinheiro — "o herói e o vilão do livro, que serve de berço, cama, cadeira, caixão e cruz para o homem do Planalto".

A extinção dessa árvore foi mais um motivo para a reedição, pois "o homem vive em função do pinheiro e é absorvido por ele". Os contos retratam justamente essa independência ao mostrar, por exemplo, o camioneiro esmagado pelo tronco, o pinheiro junto à casa do personagem, dando "a alegria visual e o pão, já que, para muitos, o pinhão se constitui na única forma de sobrevivência durante vários meses".

O crítico Paulo Ronai vê no autor uma "verdadeira erudição em tudo o que se refere à araucária, hoje desaparecida", e destaca os "instantâneos de sete destinos humildes, fisiológica, sentimental e economicamente ligados à exploração da madeira".

Natural de Lages, descendentes de alemães e italianos, Sassi passou boa parte de sua vida na região serrana e, por isso, tem forte convivência com as histórias que iria escrever mais tarde. Colaborou também com a imprensa, estreou em 1949 e publicou, a partir de então, uma série de obras, como "Piã", "São Miguel" (uma das obras mais destacadas, em que aparecem os balseiros do Rio Uruguai e seus dramas), "Geração do Deserto", também romance (abordando o coronelismo, as questões de terra e os dilemas dos posseiros na época da construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande do Sul) e "Testemunha do Tempo" (ficção científica).

Depois veio um período de inatividade literária, que durou cerca de 15 anos, e, há mais ou menos um ano, ele voltou a escrever "à todo vapor". Agora tem dois romances quase prontos e outros seis em elaboração, além de duas novelas e três séries de contos. Embora não acredite muito em vendas substanciais de livros, diz que "estou escrevendo para me divertir". Não vê, no momento, o surgimento de um novo movimento literário mas, sim maior apoio oficial, um campo mais amplo e maior aceitação por parte do público.

UM LIVRO DE CONTOS

«O crítico perfeito é o leitor ingênuo que diz sua impressão isenta de qualquer preocupação que não seja traduzir o que realmente sentiu». ALCEU AMOROSO LIMA («O CRÍTICO LITERÁRIO»)

A vida literária e artística catarinense destes últimos anos revela forte reação do pouco até então ali produzido e rebelando-se contra o marasmo intelectual em que se encontrava, surgem novos valores e com eles novas empresas.

A revista «SUL» (já no seu 4.º ano de existência) congregando em sua volta o que há de mais honesto, autêntico e representativo da cultura local; o Teatro Experimental (foi o primeiro a representar Sartre no Brasil) e considerado um dos melhores conjuntos de amadores pela palavra autorizada de Pascoal Carlos Magno; o Clube de Cinema programando filmes que dificilmente chegariam a província longínqua e agora com o lançamento em cadernos e livros dos seus poetas e ficcionistas da corrente modernista, Florianópolis aparece no cenário artístico e literário brasileiro como um dos centros em que — relativamente — mais se trabalha pela cultura nacional ainda que fechado «num recinto de bugres e burgueses» como diria o polemista Fausto Cunha. Em certa época essa movimentação chegou até mesmo a contagiar os homens do governo, que momentaneamente empolgados, criaram com o estardalhaço publicitário de costume, o Museu de Arte Moderna, primeiro e único do Brasil em caráter oficial. Mas onde entra o Estado... sempre há um «más...» que não convem ser agora salientado, por ser outra a finalidade destas linhas.

Primeiro veio um caderno de poemas de Walmor Cardoso da Silva e agora é dado a publicidade «Velhice e outros contos» de Salim Miguel e anuncia-se para breve, volumes de poemas de Anibal Nunes Pires, contos de Guido Wilmar Sassi e ainda uma coletânea dos trabalhos em prosa e verso do não esquecido Antônio Paladino.

Tentaremos aqui o que Tristão de Athayde classifica como «crítica amadora», que tanto desagradou sem razão aceitável à Alvaro Lins.

«Velhice e Outros Contos» de Salim Miguel, editado pelo Circulo de Arte Moderna («Edições Sul») falou por seus méritos a nossa sensibilidade, motivo pelo qual nos abalamos a dar nossa opinião e interpretação sincera de simples leitor.

Consciente da técnica moderna do conto, espírito super-observador, escrevendo num estilo atraente salpicado de soluções poéticas, o autor nos brinda com um bom livro, mesmo explorando assuntos repisados mas desenvolvidos e renovados com personalidade própria e com ineditismo de forma.

Todas as histórias do livro são boas, repetimos, destacando-se porem a primeira, «Carnaval» Casos do Esperidião como «marca» do autor. Quase toda in-

trospectiva, recebendo um excelente tratamento psicológico, onde a projeção da personalidade do principal personagem se focaliza em outra figura da história que manifesta as censuras que dentro de todos nós se escondem, transforma-se este conto (se assim se pudesse dizer) numa espécie de «confissões». Entretanto, dêsse subjetivismo muito bem trabalhado e da excelente descrição de um desfile carnavalesco traçado com linhas coloridas, está a destoar o encaixe de anedotas de baixo teor que desnivelam o alto valor da narrativa.

Também o segundo conto («Alvina, essa minha noiva») que poderia ser facilmente desdobrado em romance, se perde na última página pela falta de uma melhor conclusão, que parece-nos ter sido pouco estudada pelo autor. O terreno pra o epílogo foi otimamente preparado e nos dois enredos que correm paralelos não há correspondência esperada até as últimas linhas, o que deixa o leitor um tanto decepcionado. Existe ainda o abuso da repetição de uma frase, precisamente a que batiza o conto, e que deveria ter sido melhor dosado para se ter conseguido o efeito desejado.

Nos três contos intitulados «Velhices» — pesados e lentos — Salim Miguel conseguiu com rara felicidade o ambiente de angústia e mistério que acreditamos deliberadamente procurou imprimir nas histórias. A figura moca do «narrador» e as velhas cheirando mofo, estão bem definidas. Nota-se nesta série de contos uma certa influência de Poe, o que aliás, não é defeito.

Parece-nos que no fecho do livro está o conto que reuniu as melhores e as piores qualidades do autor. Certos diálogos de «Jantar em Família» recordam «skats» radiofônicos ou cortinas de revista teatral que nada mais buscam que um sorriso fácil. A filante de jantares, deslocada, ainda que mais humanizada é um tipo estereotipado das «peças de costumes» (de triste memória) de um Oduvaldo Viana ou de um Luiz Iglesias.

Ainda neste conto, com traços rápidos, S.M. nos apresenta um dos tipos mais humanos de todo volume. É a empregada que odeia os padrões «por serem mais ricos do que ela, que gostaria de ter muito dinheiro para «viver refastelada em belas poltronas» quando «teria muitos empregados para se vingar». Seus recalques e revoltas contra os patrões, o sedutor e a sociedade em geral, descarregados no seu filhinho, um garoto a toda hora esbordoado, estão bem situados dentro da história. Há ainda interessantes observações psicológicas, e o fecho do conto é comovente e sincero.

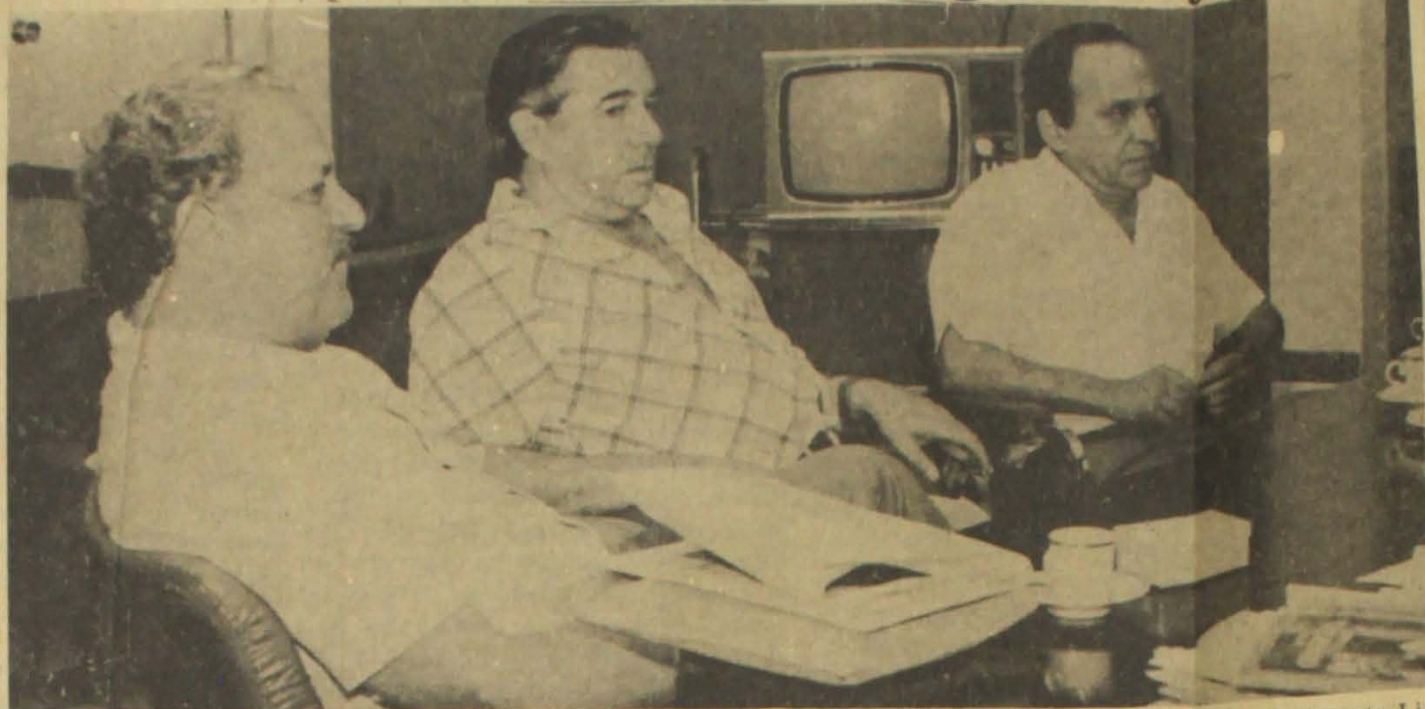
Dando-se um balanço nos prós e contras aqui apontados e lembrando que um artista ou uma obra de arte não se mede pelos seus defeitos e sim pelos seus méritos (estes não faltam ao trabalho de Salim Miguel) não temos dúvida em afirmar ser o jovem catarinense, entre os novíssimos valores, um dos seus mais destacados contistas.

Excelente a capa de Edgar Koetz.

R. B. CORREIA

*Semana Nacional -
S. Paulo - 8 - 1 - 52*

Silveira, Guido e Salim autografam juntos



Se alguém quiser receita para ser bom ficcionista, consiga os ingredientes para ter a criatividade convincente de Guido Sassi, a capacidade de elaboração literária esteticista de Silveira de Souza e a concisão para redigir como Salim Miguel. Evidentemente se conseguir manipular a receita e usá-la, correrá o risco de ser um escritor de ficção com as privilegiadas qualidades dos três. Então só precisará do editor, que cada um daqueles ainda não tiveram. Se o tivessem, desde muitos, estariam no grupo dos, regularmente, editados da faixa Rio-São Paulo.

Evidentemente, são três escritores aqui em Florianópolis, ali em São Paulo ou acolá no Rio de Janeiro. São três que viveram e conviveram no GRUPO SUL (apareceu na década de quarenta deste século) fazendo uma Literatura como arte, sem dispensar o saber escrever, o ter criatividade e o preservar um estilo que fosse identificador do esforço intelectual do grupo. Agora os imponderáveis os junta (de certa maneira 40 anos depois mais ou menos) para apresentá-los com os livros, que são provas do que faziam no tempo, hoje, muito falado, do GRUPO SUL. É aceitável; que muita gente não saiba o significado de vermos juntos e ainda, bem agradavelmente, em Florianópolis: Guido Sassi, Silveira de Souza e Salim Miguel. Não saiba nem esteja sensibilizada para valorizar o momento literário de escol. E até confunda, que

são apenas mais três escritores envolvidos no aquecimento literário de responsabilidade da Fundação Catarinense de Cultura. Entretanto sendo eles remanescentes das atividades do GRUPO SUL, não podem ser confundidos com novíços. Além de veteranos enraizados na Literatura, de um período de inquietação conhecido por nome que foi o mesmo do periódico intitulado: "SUL" — revista do Círculo de Arte Moderna — eles já são conceituados dentro e fora do território de Santa Catarina e não é deste presente vivido agora, que representam bem o ficcionista brasileiro.

Os três nos perfis que oferecem, embora diferentes nas personalidades, na exploração dos temas e do modo com situam-se no painel da inteligência catarinense, já são firmados nos próprios nomes literários. Um detalhe é comum à vida intelectual dos três, jamais foram ingênuos e pretenciosos, embora desde o aparecimento com "SUL" — revista do Círculo de Arte Moderna — revelassem domínio de talento adequado e saber escrever histórias com palavras. E mais ainda, que apesar de conscientes da bagagem dos próprios esforços nobres, principalmente, aplicados na busca da identificação do "Literato Catarinense" ninguém os viu com o estandarte anunciador de serem cultores e cultivadores do esteticismo literário acanhadamente municipalista ou regionalzinho. Aliás, eles mesmos (como todos do Grupo Sul) disseram

alto, que eram de um Movimento Literário catarinense pela geografia porém situado no universo da Literatura Brasileira, fizeram questão, em forma de ideal, para alcançar colaboradores e acolher participantes, em cada estado da Federação Brasileira ou nos países da fala portuguesa ou espanhol. Foram orgulhosos da sombra da Figueira da Praça, exatamente, na busca de ganhar o universo de uma Literatura maior: quiseram relacionamento, acolheram colaborações e deram contribuições; foram convincentes juntos, foram batalhadores literários juntos, foram polêmicos e polemizados juntos. Por serem o que são sem clarinadas anunciadoras fazem o momento especial (neste, novembro dos 120 anos de Cruz e Sousa) da Literatura a qual pertencem por nela terem aparecido e para ela contribuírem. Guido Sassi, reaparece com reedição selada pela FCC com "AMIGO VELHO", seu segundo livro de contos, já com 24 anos de idade; Salim Miguel, também reedição do seu livro, VELHICE E OUTROS CONTOS com o selo da FCC. Foi o primeiro livro dele e tem 30 anos. Os dois estavam inteiramente esgotados. Quem não os tinha pode tê-los agora. Silveira de Souza retorna para autografar um novo título selado conjuntamente pela FCC e a ÁTICA. É o seu "CAVALO EM CHAMAS"

Theobaldo Costa Jamundá

Ense contemp

Qual a situação real da produção literária catarinense contemporânea? Quais os autores e obras mais significativos? Qual a importância desta produção dentro de uma visão histórica da cultura barrega-vere e mesmo dentro de um contexto mais amplo, nacional?

Estas e outras questões foram amplamente discutidas durante o Ciclo de Debates sobre a Literatura Catarinense Contemporânea, realizado do dia 09 a 13 de novembro último, no Centro de Convivência da UFSC e promovido pelo Departamento de Língua Portuguesa e Literatura Vernácula do Centro de Comunicação e Expressão do Departamento de Assuntos Culinários.

Todos os debates tiveram boa frequência e ativa participação do público, constituído basicamente de estudantes, professores e escritores. O debate inicial foi sobre a literatura inventiva-juvenil, o qual contou com Egilê Malheiro, hoje uma das pessoas que mais se destacam no Brasil neste campo. O segundo debate, na terça-feira, versou sobre a crítica literária e contou com a participação de Nereu Corrêa, autor de várias obras, entre as quais o ensaio, premiado pela Academia Brasileira de Letras, sobre o poeta modernista brasileiro. Na quarta-feira discutiu-se a poesia, sendo apresentado o Cassiano Ricardo. Na quinta-feira o poeta e jornalista Raimundo Gaspar, que já foi um dos maiores nomes da poesia brasileira, participou do debate. O sexto debate, com exposição em Santa Catarina, mas que, no entanto, também se realizou em outras cidades, considerado, ao lado da poesia, o gênero mais praticado e melhor realizado em Santa Catarina. Para este tema seria palestrante o escritor, atualmente radicado em Blumenau, Klaus Athanzio, mas que, por "problemas pessoais", não pôde comparecer. Quem assumiu o assunto e de ordenou os debates, então, foi o contista Silveira de Souza, autor de várias obras, entre elas o excelente O Cavalo em Branco.

Ataca em convênios com a Fundação Catarinense de Cultura. Entre os escritores presentes aos debates, deve-se destacar o nome de Guido Wilmar Sassi, atualmente radicado no Rio de Janeiro e autor de obras importantes como os romances São Miguel e Coração de Devoção, mas que anos não comparecia a nenhuma atividade desse tipo, chegando mesmo a desgastar-se de preocupações literárias, coisa que agora reassume com todo vigor, conforme depoimento pessoal durante o Ciclo de Debates.

Literatura catarinense



Silveira de Souza: vigor e contemporaneidade no conto

A obra de Silveira de Souza apresenta um vigor e uma contemporaneidade que se refletem em sua produção de contos. O autor, nascido em Santa Catarina, desenvolveu uma linguagem narrativa que se destaca pela clareza e pela força das imagens. Seus contos, como "O Cavalo em Branco" e "Coração de Devoção", abordam temas universais com uma abordagem pessoal e crítica. A linguagem utilizada é simples, mas carregada de simbolismo e profundidade. Silveira de Souza demonstra um domínio técnico da narrativa, utilizando recursos como o fluxo de consciência e a ironia para explorar a condição humana. Sua obra reflete o contexto social e cultural de sua época, trazendo para o conto uma dimensão que vai além do mero relato de fatos, alcançando um patamar de reflexão e crítica social.

Egilê Malheiro: quadrinhos são maior dumping cultural

Quando se fala em literatura infantil, não se pode deixar de mencionar o nome de Egilê Malheiro. Sua obra, especialmente os quadrinhos, representa um marco na literatura brasileira para a infância. Malheiro desenvolveu uma linguagem simples e acessível, capaz de capturar a imaginação das crianças. Seus quadrinhos abordam temas cotidianos, mas com uma abordagem que ensina valores e promove a reflexão. A linguagem utilizada é rica em imagens e metáforas, tornando o texto agradável e fácil de entender para o público infantil. Malheiro também demonstrou preocupação com a qualidade da produção cultural para a infância, defendendo a importância de obras que sejam educativas e divertidas ao mesmo tempo. Sua obra continua a ser lida e apreciada por novas gerações de leitores, demonstrando a atemporalidade de sua escrita.



Por Alcides Buss

Salim Miguel é um nome que se destaca na literatura catarinense contemporânea. Sua obra, marcada por uma linguagem crua e direta, aborda temas como a identidade, a memória e a condição humana. Miguel desenvolveu um estilo narrativo que se caracteriza pela economia de palavras e pela força das imagens. Seus textos são profundamente reflexivos, explorando as complexidades da existência. A obra de Miguel demonstra um domínio técnico da linguagem, utilizando recursos como a metáfora e a ironia para criar uma atmosfera de tensão e expectativa. Sua escrita é marcada por uma preocupação com a verdade e a busca por uma linguagem que seja capaz de expressar a complexidade do mundo. Miguel é um autor que merece ser lido e estudado por aqueles interessados em uma literatura que seja ao mesmo tempo engajada e profundamente humana.

Na obra de Souza, vigor e contemporaneidade no conto

Na obra de Souza, o conto se apresenta como um gênero literário de grande importância. O autor utiliza este formato para explorar temas sociais e culturais de sua época, trazendo para o conto uma dimensão que vai além do mero relato de fatos. Souza demonstra um domínio técnico da narrativa, utilizando recursos como o fluxo de consciência e a ironia para explorar a condição humana. Sua linguagem é simples, mas carregada de simbolismo e profundidade. O conto em Souza é uma forma de arte que se caracteriza pela economia de palavras e pela força das imagens. O autor utiliza este formato para explorar temas sociais e culturais de sua época, trazendo para o conto uma dimensão que vai além do mero relato de fatos. Souza demonstra um domínio técnico da narrativa, utilizando recursos como o fluxo de consciência e a ironia para explorar a condição humana. Sua linguagem é simples, mas carregada de simbolismo e profundidade.

na poesia mastigada

A poesia de Salim Miguel é caracterizada por uma linguagem crua e direta, marcada por uma preocupação com a verdade e a busca por uma linguagem que seja capaz de expressar a complexidade do mundo. Miguel desenvolveu um estilo narrativo que se caracteriza pela economia de palavras e pela força das imagens. Seus textos são profundamente reflexivos, explorando as complexidades da existência. A obra de Miguel demonstra um domínio técnico da linguagem, utilizando recursos como a metáfora e a ironia para criar uma atmosfera de tensão e expectativa. Sua escrita é marcada por uma preocupação com a verdade e a busca por uma linguagem que seja capaz de expressar a complexidade do mundo. Miguel é um autor que merece ser lido e estudado por aqueles interessados em uma literatura que seja ao mesmo tempo engajada e profundamente humana.

No conto, retomada enfática da realidade de S. Catarina

Na obra de Souza, o conto se apresenta como um gênero literário de grande importância. O autor utiliza este formato para explorar temas sociais e culturais de sua época, trazendo para o conto uma dimensão que vai além do mero relato de fatos. Souza demonstra um domínio técnico da narrativa, utilizando recursos como o fluxo de consciência e a ironia para explorar a condição humana. Sua linguagem é simples, mas carregada de simbolismo e profundidade. O conto em Souza é uma forma de arte que se caracteriza pela economia de palavras e pela força das imagens. O autor utiliza este formato para explorar temas sociais e culturais de sua época, trazendo para o conto uma dimensão que vai além do mero relato de fatos. Souza demonstra um domínio técnico da narrativa, utilizando recursos como o fluxo de consciência e a ironia para explorar a condição humana. Sua linguagem é simples, mas carregada de simbolismo e profundidade.

Caruso: sob o zumbido de uma poesia mastigada

A obra de Caruso é marcada por uma linguagem crua e direta, marcada por uma preocupação com a verdade e a busca por uma linguagem que seja capaz de expressar a complexidade do mundo. Caruso desenvolveu um estilo narrativo que se caracteriza pela economia de palavras e pela força das imagens. Seus textos são profundamente reflexivos, explorando as complexidades da existência. A obra de Caruso demonstra um domínio técnico da linguagem, utilizando recursos como a metáfora e a ironia para criar uma atmosfera de tensão e expectativa. Sua escrita é marcada por uma preocupação com a verdade e a busca por uma linguagem que seja capaz de expressar a complexidade do mundo. Caruso é um autor que merece ser lido e estudado por aqueles interessados em uma literatura que seja ao mesmo tempo engajada e profundamente humana.

Na obra de Souza, retomada enfática da realidade de S. Catarina

Na obra de Souza, o conto se apresenta como um gênero literário de grande importância. O autor utiliza este formato para explorar temas sociais e culturais de sua época, trazendo para o conto uma dimensão que vai além do mero relato de fatos. Souza demonstra um domínio técnico da narrativa, utilizando recursos como o fluxo de consciência e a ironia para explorar a condição humana. Sua linguagem é simples, mas carregada de simbolismo e profundidade. O conto em Souza é uma forma de arte que se caracteriza pela economia de palavras e pela força das imagens. O autor utiliza este formato para explorar temas sociais e culturais de sua época, trazendo para o conto uma dimensão que vai além do mero relato de fatos. Souza demonstra um domínio técnico da narrativa, utilizando recursos como o fluxo de consciência e a ironia para explorar a condição humana. Sua linguagem é simples, mas carregada de simbolismo e profundidade.

Crônica e debate



Salim Miguel: No romance, apenas uma dezena de nomes

Salim Miguel é um nome que se destaca na literatura catarinense contemporânea. Sua obra, marcada por uma linguagem crua e direta, aborda temas como a identidade, a memória e a condição humana. Miguel desenvolveu um estilo narrativo que se caracteriza pela economia de palavras e pela força das imagens. Seus textos são profundamente reflexivos, explorando as complexidades da existência. A obra de Miguel demonstra um domínio técnico da linguagem, utilizando recursos como a metáfora e a ironia para criar uma atmosfera de tensão e expectativa. Sua escrita é marcada por uma preocupação com a verdade e a busca por uma linguagem que seja capaz de expressar a complexidade do mundo. Miguel é um autor que merece ser lido e estudado por aqueles interessados em uma literatura que seja ao mesmo tempo engajada e profundamente humana.

Nereu Corrêa: a crítica só existe em SC por acidente

Nereu Corrêa é um autor que se destaca na literatura catarinense contemporânea. Sua obra, marcada por uma linguagem crua e direta, aborda temas como a identidade, a memória e a condição humana. Corrêa desenvolveu um estilo narrativo que se caracteriza pela economia de palavras e pela força das imagens. Seus textos são profundamente reflexivos, explorando as complexidades da existência. A obra de Corrêa demonstra um domínio técnico da linguagem, utilizando recursos como a metáfora e a ironia para criar uma atmosfera de tensão e expectativa. Sua escrita é marcada por uma preocupação com a verdade e a busca por uma linguagem que seja capaz de expressar a complexidade do mundo. Corrêa é um autor que merece ser lido e estudado por aqueles interessados em uma literatura que seja ao mesmo tempo engajada e profundamente humana.

Problemas de Salim Miguel

Salim Miguel é um autor que se destaca na literatura catarinense contemporânea. Sua obra, marcada por uma linguagem crua e direta, aborda temas como a identidade, a memória e a condição humana. Miguel desenvolveu um estilo narrativo que se caracteriza pela economia de palavras e pela força das imagens. Seus textos são profundamente reflexivos, explorando as complexidades da existência. A obra de Miguel demonstra um domínio técnico da linguagem, utilizando recursos como a metáfora e a ironia para criar uma atmosfera de tensão e expectativa. Sua escrita é marcada por uma preocupação com a verdade e a busca por uma linguagem que seja capaz de expressar a complexidade do mundo. Miguel é um autor que merece ser lido e estudado por aqueles interessados em uma literatura que seja ao mesmo tempo engajada e profundamente humana.

Problemas de Nereu Corrêa

Nereu Corrêa é um autor que se destaca na literatura catarinense contemporânea. Sua obra, marcada por uma linguagem crua e direta, aborda temas como a identidade, a memória e a condição humana. Corrêa desenvolveu um estilo narrativo que se caracteriza pela economia de palavras e pela força das imagens. Seus textos são profundamente reflexivos, explorando as complexidades da existência. A obra de Corrêa demonstra um domínio técnico da linguagem, utilizando recursos como a metáfora e a ironia para criar uma atmosfera de tensão e expectativa. Sua escrita é marcada por uma preocupação com a verdade e a busca por uma linguagem que seja capaz de expressar a complexidade do mundo. Corrêa é um autor que merece ser lido e estudado por aqueles interessados em uma literatura que seja ao mesmo tempo engajada e profundamente humana.

Por Alcides Buss

Salim Miguel é um nome que se destaca na literatura catarinense contemporânea. Sua obra, marcada por uma linguagem crua e direta, aborda temas como a identidade, a memória e a condição humana. Miguel desenvolveu um estilo narrativo que se caracteriza pela economia de palavras e pela força das imagens. Seus textos são profundamente reflexivos, explorando as complexidades da existência. A obra de Miguel demonstra um domínio técnico da linguagem, utilizando recursos como a metáfora e a ironia para criar uma atmosfera de tensão e expectativa. Sua escrita é marcada por uma preocupação com a verdade e a busca por uma linguagem que seja capaz de expressar a complexidade do mundo. Miguel é um autor que merece ser lido e estudado por aqueles interessados em uma literatura que seja ao mesmo tempo engajada e profundamente humana.

Por Alcides Buss

Nereu Corrêa é um autor que se destaca na literatura catarinense contemporânea. Sua obra, marcada por uma linguagem crua e direta, aborda temas como a identidade, a memória e a condição humana. Corrêa desenvolveu um estilo narrativo que se caracteriza pela economia de palavras e pela força das imagens. Seus textos são profundamente reflexivos, explorando as complexidades da existência. A obra de Corrêa demonstra um domínio técnico da linguagem, utilizando recursos como a metáfora e a ironia para criar uma atmosfera de tensão e expectativa. Sua escrita é marcada por uma preocupação com a verdade e a busca por uma linguagem que seja capaz de expressar a complexidade do mundo. Corrêa é um autor que merece ser lido e estudado por aqueles interessados em uma literatura que seja ao mesmo tempo engajada e profundamente humana.

Oferta

Advertisement for Bosch Conjueto Furadeira e Hobbit. Text: "Bosch Conjueto Furadeira e Hobbit. Com tudo o que você precisa para furar, lavar, e esmerilhar." Includes image of the power drill and a Bosch logo.

CONSULTORIA IQB. MAIS PERTO DO QUE VOCÊ IMAGINA.

Advertisement for IQB Consultoria. Text: "CONSULTORIA IQB. MAIS PERTO DO QUE VOCÊ IMAGINA. Você necessita de Diagnóstico e gestão comercial? Consultoria IQB. Mais perto do que você imagina. Consultoria IQB. Mais perto do que você imagina. Consultoria IQB. Mais perto do que você imagina." Includes image of a person and a logo.

Salim e Guido, juntos

Nas livrarias, uma novidade: "Amor à Brasileira", reunindo 22 dos melhores contistas brasileiros. Dois catarinenses: Salim Miguel e Guido Wilmar Sassi. Publicado pelo Traço Editora, de São Paulo, a antologia tem como organizadores os contistas Guido Fidélis e Caio Porfírio Carneiro, que também emprestam seus contos a "Amor à Brasileira".

Os contistas convidados dão, à sua maneira, uma visão literária sobre o Amor. "O Amor, fonte da vida, eterno em si, é amplo demais para muitas outras como esta. E se aqui ele vê à brasileira é porque, no conjunto e em essência, é assim, ou aproximadamente assim, que o escritor brasileiro sente e compreende o amor", esclarece Caio Porfírio Carneiro, apresentando a obra.

Salim Miguel, atualmente diretor da Editora da UFSC, abre a antologia com o conto: "Ou Herta, ou Irmã, Ou Ela, ou...". E o autor de "Geração do Deserto", Guido Wilmar Sassi brinda os leitores com Vêu e Grinalda".

Além deles e dos organizadores, participam da antologia os contistas Elias José, Ricardo Ramos, Anna Maria Martins, Rodolfo Konder, Manoel Lobato, Jair Vitória, Moacir



Scliar, Amílcar Dória Matos, Alcine Ribeiro Leite, Mécia Rodrigues, Álvaro Alves de Faria, Roniwalter Jabotá, Márcia Denser, Fausto Polesi, Sérgio Faraco, Sílvio Fiorani e Everaldo Moreira Veras e Julieta de Godoy Ladeira — autora do famoso "Dia de Matar o Patrão" (Summus Editorial, SP).

O LIVRO DA QUINZENA

Velhice e outros contos

Numa edição da Revista Sul que assim entra pelo campo editorial, o jornalista catariense Salim Miguel lança o seu livro de estréia. Com o escolher exatamente o gênero mais difícil para uma estréia, aquele que se constitui no calcanhar de Aquiles do escritor, demonstra desde logo dedicação constante ao cultivo das letras.

Trata-se de um contista moderno. Moderníssimo. Na concepção, na urdidura psicológica da trama que conduz com urdidura de interesse permanente, nas situações que se alternam e sucedem, tudo em Salim Miguel é material do mais puro arrojo técnico e estilístico. No ponto que abre o volume «Carnaval», «Casos de Espiridão» o leitor defronta uma técnica ostensivamente revolucionária no compor e conduzir os personagens, no pintar e alterar os panoramas dentro do qual mesmo as atitudes e personalidades individualizadas formam, num desdobramento de planos espirituais, um complexo coletivo que ora é histerismo convulso, ora é pânico. Força portanto do narrador pontilhando as suas criações. «Alvina, Essa Minha Noiva», o conto seguinte, confirma as qualidades e os modismos particulares do autor porém ofe-

rece oportunidade para aquilatar-se da sua especial expressividade nos diálogos que lhe saem incisivos, fluentes, satisfatórios. Mas é no conjunto «Velhice, Um», «Velhice, Dois» «Velhice, Três» que dá de si um atestado de possibilidades efetivas, compondo um quadro de contornos irrealis, realmente difícil de ser cotejado com outras técnicas da arte do conto, cuidando de temas e de situações bastante capacitados para sugerirem o máximo de atenção. Verdadeiramente são esses contos entrelaçados que formam o ponto alto do livro, a nosso ver, e outorgam ao contista o direito de considerar-se com eles perfeitamente original na sua criação. «Mêdo», «História Banal» e «Jantar em Família» são os contos que completam o volume colaborando para o todo desta obra que traz a marca de um dos livros de contos mais originais na estrutura e na composição que se tem publicado ultimamente. Ainda para aqueles que não sancionam integralmente a velocidade desabusada com que os além-do-marinetismo buscam auto-superar-se continuamente, existe neste livro material suficiente para agradar e sugerir preciosas considerações acerca das tendências do conto brasileiro.

"A RAZÃO" - S. Paulo -
2 dezembro 1951



Salim Miguel



Caio Porfírio

JOGO DE ESPELHOS

Velhice e Outros Contos, de Salim Miguel. Fundação Catarinense de Cultura, 120 páginas. O Contra-Espelho, de Caio Porfírio Carneiro. Editora Traço, 70 páginas. Sabor de Química: Crônicas Nordestinas, de Roniwalter Jatobá. Global Editora, 96 páginas.

Jorge de Sá

A segunda edição de *Velhice e Outros Contos* não assinala apenas os 30 anos de vida literária do autor. Mais do que isso, vem reafirmar que a importância e permanência de Salim Miguel resultam de um trabalho sério, no qual ele constantemente reexamina a sua produção, sem medo de expor-se ao público, oferecendo aos leitores a oportunidade de retomarem o seu ponto de partida e, assim, compreenderem o núcleo de sua temática: a volta ao passado. Ou melhor: o exame do presente pelos olhos cansados dos velhinhos cujo patrimônio é a solidão; uma solidão que lhes permite avallar as perdas e as conquistas, aprendendo a eliminar os acessórios acumulados ao longo do percurso e recompondo — “como quem arma um quebra-cabeça” — a essência da vida.

Pode-se dizer, pois, que ao estreitar, em 1951, Salim Miguel já o fazia com maturidade, pois os contos de seu primeiro livro traziam a marca de um artista disposto a mergulhar em profundidade, não temendo os possíveis equívocos inerentes à quem começa. Prova disso é o conto *Alvina, Essa Minha Noiva*, no qual o narrador assume a metalinguagem com pleno conhecimento das diferenças entre o real em si e o real da ficção. Compondo um bellissimo texto dentro de outro texto, ele nos fala de seu desejo de reconstruir “tipos não somente curiosos, mas também e sobretudo humanos, característicos de um determinado estágio de vida no interior de Santa Catarina”. Com essa estratégia, contrapõe-se o caso “João X Alvina” com o caso “Mulherzinha de Ônibus X Aprendiz de Medicina”, para levar ao surgimento de um terceiro texto que nunca será impresso, mas que ficará na imaginação do leitor.

As demais histórias — “Carnaval”, os três “Velhice”, “Medo”, “História Banal” e “Jantar em Família” — insistem na busca da essência humana, embora sejam

construídas com um certo desequilíbrio. Há excessos, conversas longas demais, trechos que ameaçam a densidade da narrativa curta, elementos, enfim, que o escritor vai eliminar em seus trabalhos posteriores, especialmente em *A Morte do Tenente e Outras Mortes* (1979, Antares), alcançando aí o pleno domínio da magia criativa. Basta ler “O Gramofone” para constatar-mos que, tal como o seu personagem, Salim Miguel soube largar os acessórios desnecessários para recompor a vida ao longo desses 30 anos de que *Velhice e Outros Contos* é um marco, pois representa um ponto de partida e um recomeço nessa ultrapassagem de datas que só os bons escritores podem realizar.

Como é o caso, também, de Caio Porfírio Carneiro. Comemorando os 20 anos de lançamento de *Trapiá*, ele oferece agora, *O Contra-Espelho*, reunião de 20 narrativas essencialmente curtas. Refletindo o cuidado com a montagem do livro, o contista cearense — há muito radicado em São Paulo — abre a coletânea com “O Espelho — I”, fechando-a com “O Espelho — II”. Com esse jogo de imagens ele procura captar duas faces de uma só realidade, operando pequenas variações capazes de mostrar a duplicidade que os fatos guardam no seu íntimo, sempre através de frases curtas. Com esse recurso formal, Caio Porfírio Carneiro realiza uma obra de fotógrafo experiente, mas não alcança a densidade exigida pelo gênero conto. Suas histórias, embora muito bem escritas, são apenas *flashes* que não vão além do próprio clique.

Já *Sabor de Química: Crônicas Nordestinas* tem gosto de estréia, embora o autor já tenha três livros publicados. Roniwalter Jatobá ainda não conseguiu, de fato, dar a partida, o que não impede que o seu potencial narrativo seja muito bom. Seus relatos têm certa magia, mas esbarram em conclusões ruins. Na verdade, o Autor confunde a crônica como conto, o real (em sentido estrito) com o ficcional, sem perceber que um texto literário implica, antes de tudo, num processo de transformação do material utilizado. Essa postura pode implicar, talvez, numa simplicidade que o escritor assume intencionalmente, para melhor apreender os aspectos da vida de gente simples, tentando sobreviver no meio hostil da periferia de São Paulo. Mas até mesmo a simplicidade em Arte pressupõe o domínio de uma técnica, o que Roniwalter ainda não alcançou a exemplo do que já ocorreu com Salim Miguel e Caio Porfírio Carneiro.

Velhice...

DA 9ª. PAGINA

Cada frase, cada palavra tem vida própria, independente; mas conseguem, contudo, formar um conjunto "notavelmente" desordenado.

Exsuda de cada linha, o líquido quente que nos isola dentro do livro. O escritor disseçou a alma do Carnaval, devassou suas entranhas e atirou aos ventos o que lá encontrou. Quebra o estilo, rompe a linha, corta o período, intercala o som esgarça a idéia, e entretanto percebe-se a "integridade" literária da narrativa.

Um gramático ranzinza ao lê-lo teria sua press.o em vertigem.

A maior função, pelo menos a mais enfática, mora na pontuação recortada nos batalhões de vírgulas e pontos.

O autor espicha, ergue, lacera, joga no espaço a sua história e abandona-a; corta, interrompe e deixa-a suspensa no ar.

Tão rápido, tão zigzagueante, tão lépido, como uma serpentina riscando o ar embalsamado da noite.

O segundo conto: Alvina, essa minha noiva, ressumbra as mesmas côres em menor espaço: dentro de um ônibus...

"Velhice" é um conto sugestivo, uma história que possui a "difícil naturalidade". Narração bem urdida, belo senso descritivo das cenas. O quadro com os velhos Italianos... os relógios... o licor insistente...

A velha mansão (velhice - dois), o mundo centenário das velhas — A louca (velhice - três). Episódios que podem ser assinados por qualquer romancista de renome.

Depois os contos: Medo — História Banal e Jantar em Família.

Salim Miguel tem nos seus trabalhos uma propriedade rara hoje em dia; a de lograr prender a atenção do leitor, de familiarizá-lo com a leitura. De suas histórias podemos elogiar a produção literária em si, muito ao contrário de outros livros que temos recebido com frequência, e para os quais só se pode encontrar "qualidades", espicaçando supostos "subjativismos líricos" ou quando muito: harmônica linguagem, porquanto a história ou o conteúdo em si, nada valem.

Nos contos de Salim, um retrato real

Moacir Loth

Solidão e saudade, velhice e morte. Estes são companheiros fiéis da obra do escritor catarinense Salim Miguel. Mas o que melhor retrata esta preocupação é o livro "Velhice e outros contos". Em três contos, inspirados no cotidiano vivenciado pelo próprio autor, ele denuncia, com ironia e alguma sutileza, a "realidade real" dos nossos velhos.

No primeiro conto ("Velhice, um") o autor encontra-se com um casal de velhinhas italianas: Gallani e sua irmã. Naquela casa, onde deliciou-se com um licor preparado pela irmã-cousa, fez uma descoberta insólita: "tomou-me pelo braço, levou-me para uma outra sala menor, escura. Ao abrir a porta um tie-fac continou pincelando. O homem colecionava relógios, antigos e novos... Contou-me que passava horas e horas ali, esquecido do mundo, num outro mundo a viver, com seus aparelhos aperfeiçoando-as, tratando-os, falando com eles, como com amigos velhos e fiéis. Perenemente fiéis". O contista explica que "o velho Gallani... achava que os relógios marcam as horas, sim, porém não só isto. São eles portanto nossos donos, que nos têm nas mãos, pois ninguém nega que nós somos meros prisioneiros do tempo". Quando foi embora, uma cena para ficar marcada: "ficaram-se lá, largados, derretidos em cadeiras de balanço. Revejei-os a rir, acompanhando o ritmo dos relógios eles também".

No "Velhice, dois", a história se dá com duas velhinhas. Apenas uma conversa, a outra permanece na cadeira de balanço. Os diálogos, desde o início, são reveladores.

"— Ah, bom-dia. Desculpe, fale um pouco alto, com a idade a gente fica imprestável, estou um tanto surda..." Sobre a casa: "Sim, sempre fechada, é que duas velhas, sem mais conhecimentos, sem amigos nem parentes, desligadas do mundo...". As suas opiniões espelham o concreto: "o senhor não me compreende... Viajando pelo passado, pelo passado... O tempo nos trouxe, já passou a nossa época, nada mais entendemos deste mundo que, tão diverso do nosso. Vivo de recordações, disto...". E ai o autor socorre: "e apontou, com o dedo pequeno e mirrando, para uns quadros na parede". Frossague: "a velha ali estava, me fitando, sorrindo

beatificamente, vendo além de mim, para além do que a minha pobre visão ou imaginação poderia conceber. Para tão distante, tão no passado... Revia-se ricamente moça, revia todo aquele mundo tragado sob essa coisa muével e continua que se chama o tempo". E para passar o tempo, velho tempo: "Ela fazia bonquinhas no papel, tentava captar aquele ar de passado, de velhice tão trágico e tão humano, gravá-lo no papel... O contista, de repente, viu-se assustado, com medo. Mas percebeu, a tempo: "nada havia de mais ali. Uma pobre velha, mas outra pobre velha, uma casa velha, modo italianês...".

Alguns fragmentos do conto "Velhice, três": "bastam para ver que, aqui, não há nada de lição: "não é indistância. A via gosta de contar, são os cinco motivos e momentos felizes da vida dela — recordar o passado. Não é 'há'!" — "E... os velhos só vivem do passado... meu marido acabou, morreu. Eu mesma morri. Nós é que morremos, nós. Os que morrem, nossos, não! Esses vivem na nossa lembrança permanentemente...". Esse conto fala da não adaptação aos novos tempos: "quando tão não vejo a cidade como ela hoje é. Vejo-a com os olhos do passado, vejo-a como a via quando era moça, passeando nela, com os meus". E como nos dois primeiros, usa os retratos para descrever a realidade: "cada retrato destes me traz uma recordação diversa, uma nova sensação. Olhe, vivo disto, tenho-os na memória, eu morri para eles, mas eles, todos, para mim, vivem, através da recordação de seus atos gravados em minha memória (...). Ou ainda: 'os mortos vivem em nós, nós é que morremos, sem que ninguém, dos vivos já vivendo possa nos recordar'. Na despedida, Salim (com a palavra (de novo): "rosto encolido à valência, rosto curvado pelos fios de cabelo, rosto velho coberto de rugas e lagrimas, rosto velho como uma miséria onde estava guardada uma certa era, uma certa data, bem no passado, incredibile!". A chuva forte tinha passado. Amanhã seria um novo dia.

Moacir Loth atua na Educação, Literatura e Comunicação, e é diretor do Departamento de Imprensa e Marketing da UNSC.

MANSÃO LITERÁRIA

Publicação semanal

Página aberta aos intelectuais de todo o país

Suplemento de Literatura, Ciência e Arte

CRITICA DE LIVROS

«VELHICE»

e outros contos

JOSE' ROBERTO DO AMARAL LAPA

De Florianópolis Estado de Santa Catarina, o escritor Salim Miguel envia-nos sua coletânea de contos: "Velhice" e outros contos. Constitue este exemplar, o primeiro lançamento "Sul", da série de edições já programadas para aparecerem no futuro. Essas edições já lançaram também em seus "cadernos" o livro de poemas "Idade 21", de Walmor Cardoso da Silva.

Nós temos contacto com o entusiasta "grupo intelectual" da Revista "Sul" desde há muito, e este livro, que Salim Miguel vem oferecer-nos, leva-nos, agora com aprazimento, a admirarmos a energia dos jovens de Santa Catarina, que marcam de modo expressivo a sua presença em Florianópolis, através do Circulo de Arte Moderna daquela cidade, o qual procura dobrar todos os cânones do "academismo" e das antigas diretrizes intelectuais.

Aliás, quer parecer-nos, que Florianópolis é um centro cultural de primeira grandeza. Ainda recentemente pudemos através da Revista "Brasília", que o prof. Rebêlo Gonçalves enviou-nos de Coimbra, Portugal, lermos o que foi o Congresso de Florianópolis, come-

morativo do Bicentenário da colonização Acorianana (1948) através do relatório do representante português, que foi o notável folclorista Manoel de Paiva Boléo.

Mas, caminhemos para o nosso objetivo, que é o livro de Salim Miguel, do qual já havíamos lido alguns trabalhos na Revista "Sul".

Já desde o primeiro conto: "Carnaval; casos de Espiritismo", podemos observar a presença moderna em que se situa a narração. A criação do ambiente ou melhor dos "quadros" do conto em sua fluidez, não obedecem tanto á harmonia natural; antes se subordinam a um "conjunto", um todo, dentro do qual, as imagens, os fatos, os cenários e as personagens formam um mosaico, quebrando toda a austeridade de uma narrativa, que poderíamos chamar de "romântica".

O seu primeiro conto tem com todo o viço o colorido do Carnaval e a palpitância convidativa do bulício e da movimentação literária. Eivou; daí, dilacerou, polvilhou, contorceu e espicçou, desabusando completamente das normas do "bom-tom" literário.

CONTINUA NA
4ª. PÁGINA

el realismo social en la última obra de salim miguel

CON la publicación de "Rede", título sintético de una extensa novela de vasta acción social, Salim Miguel apártase del camino de recorte psicológico trazado en sus dos libros anteriores: "Velhice e outros contos" y "Alguna Gente", para iniciar una nueva aventura literaria. En este último libro el autor toma una posición definida al abandonar el tema analítico de sus producciones lanzadas a la publicidad con anterioridad, para encauzar en la tradición novelística de los grandes escritores brasileños.

Salim Miguel debatíase en la encrucijada de dos caminos, vacilaba entre dos temas literarios (el que tendía a una visión fantasmagórica, y el realista) no obstante existir en él una conciencia de clase y una concepción humanitaria y sociológica ya formadas. El primero de ellos es indirecto, pero está hondamente impregnado en el autor como consecuencia de lecturas de Dostoievski, Poe y sobre todo de su compatriota Graciliano Ramos, de quien sigue siendo fervoroso admirador; el segundo es más consecuente, directo, y básase en la vida cotidiana, llena de sacrificios y miserias del hombre callejero y de sus anhelos colectivos.

Sin embargo, notábase ya en los cuentos y crónicas noveladas de sus dos primeros libros, aunque veladamente, una tendencia hacia lo real, lo objetivo.

Pero lo psicológico poseía una preponderancia sobre aquél. El autor basábase más en lo psíquico que en la realidad desgarradora de la vida colectiva, para traer a flote sus personajes. Pero

por ANTONIO SIMOES (Jr.)

ahora lo excesivamente analítico va decreciendo paulatinamente hacia lo real, fundiéndose ambas tendencias en un eje propulsor del universo novelístico de "Rede". Esto quiere decir que las dos tendencias que siempre ofrecen la misma equidistancia en relación al quehacer literario de Salim Miguel, contradictorias u opuestas sólo en apariencia, se van transformando en un todo, dejando por lo tanto, de ser meros elementos de retazos inorgánicos, antagónicos, para sintetizar la conjugación de dos fases de la realidad, quizás la de dos mundos aparentemente distintos, pero que en verdad no lo son.

Claro que el social acaba de prevalecer con toda su objetividad sobre las especulaciones de orden psicológico, en las páginas de "Rede". Es esta una extensa novela que enfoca corajudamente el drama actual de un pueblo de pescadores. Con su publicación, Salim Miguel emprende una nueva aventura literaria, ahincando más profundamente los pies en la tierra, para describir la vida miserable y degradante de una población que despierta para luchar contra el oscurantismo, la rutina y la explotación del hombre por su semejante. La acción de la novela desarróllase en la villa de Ganchos, conglomerado de pescadores perdido en los confines de Santa Catalina, ignorado y abandonado a su suerte por los gobernantes demagógicos que sólo se acuerdan del pueblo y le alaban en día de elecciones. En sus compactas trescientas páginas se refleja un drama horripilante y denso que rebasa por su intensidad humana, el fabricado por la fantasía de los cronistas de lo pintoresco, de las medias tintas. Trátase nada menos que... del hambre, flagelo tan característico de algunas regiones brasileñas donde el hombre vive muy por abajo de su condición zoológica.

Salim Miguel no tergiversa la realidad ni hace concesiones de orden sociológico que puedan limitar su descripción realista. Pero a veces, quizás por la falta de pericia que suele existir en quien maneja tan magna materia por vez primera, no halla la manera más feliz de armonizar el estilo literario con tan vasto arsenal de emociones humanas y luchas sociales, dándonos en consecuencia, algunas páginas flojas, que aunque intentan expresar una tónica anecdótica al margen del hilo conductor, como un complemento indirecto, no lo consiguen. Pese a estas pequeñas deficiencias que el autor tendrá en cuenta, estamos seguros, en sus futuras novelas, la obra está en líneas generales, bien realizada, y logra sus propósitos, que son denunciar el hecho miserable que apremia a los pescadores de una de las regiones más huérfanas de Brasil.

La trama novelística está dada con profundidad dentro de las debidas proporciones. Víctimas del progreso que en la estructura social y económica de regiones semif feudales, sólo beneficia a las clases pudientes, los pequeños propietarios de la industria del pescado, que ven peligrar sus intereses de clase, sin tener en cuenta los perjuicios que ocasionan a sus asalariados, los simples pescadores, se unen para hacer frente al enemigo foráneo.

Pero los de abajo, los del último escalón social, también reaccionan. Entonces surge el divisor común de variadas y enconadas luchas, que como la pleamar, suben o bajan de grado.

"Rede" es una documental donde la vida palpita, donde la tragedia y el hambre no son ficticios. Todo allí es realidad, acción, sueños y esperanzas plausibles, un pedazo del Brasil, un fragmento de esta América enajenada.

A COMPUTORIZAÇÃO ANÍMICA DE SALIM MIGUEL

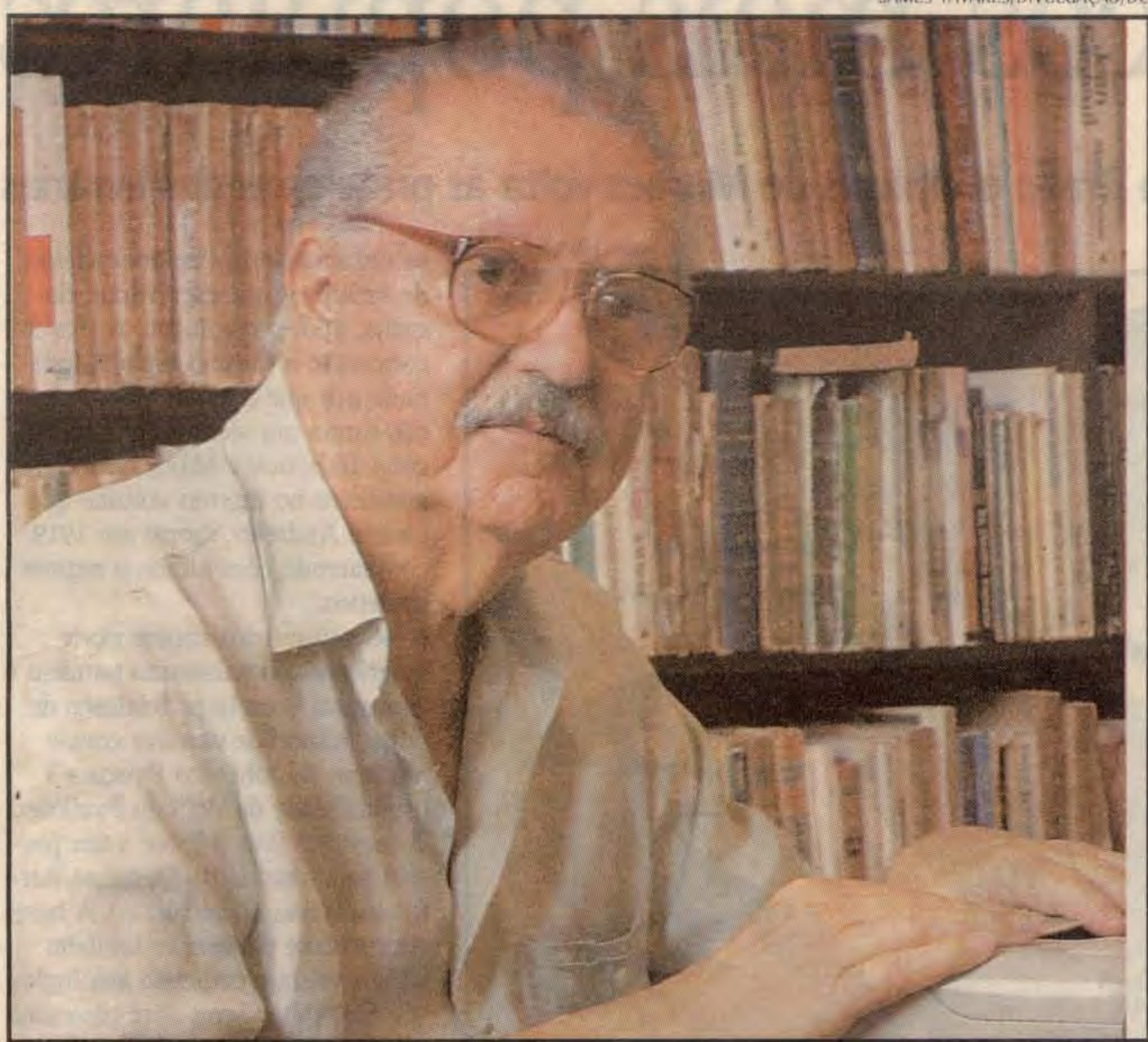
Mário Jorge Bechepeche.

É este o ressaltado imediato da leitura de "Velhice" de Salim Miguel: um escalonador anímico, um analista que, à medida do envolvimento dos quadros jogados à tela do papel, expõe os meandros da psiquê e, com ser minudente e deliberadamente detalhista, ladeia o descritivo com o psicogênico, fundindo-os em anfiguris intentados que se somem e se esbatem de forma que, a quem o lê - fica a impressão do talhe psicológico como a marca distintiva de sua técnica. Nisto se presume a envolvência Machadiana-pródiga em sua geração. Salim Miguel trabalha e conte como um entalhista escava uma peça, parcializando a visão de aresta por aresta, em separado, em microamplificações. Sem dúvida é um predecessor das técnicas cinematográficas na Literatura, já que também é cineasta, e daí o aproveitamento dessa tecnologia bebida no "nouveau roman" francês - com intenção de romper a tessitura habitual da história curta-molde que, mais tarde, Dalton Trevisan daria perfeccionismo e talhe definitivo.

Aliados, assim, o alinviamento dos liames psicológicos ou a desagregação do discursivo no vai-e-vem do feed-back cinematográfico, despojando a linearidade até então fixa na nossa literatura, Salim Miguel pode ser vislumbrado como um predecessor de parâmetros altamente significativos das conquistas estruturais da gerações ~~xxxx~~ experimentalistas do Modernismo Brasileiro.

LITERATURA

JAMES TAVARES/DIVULGAÇÃO/DC



SEMPRE ATIVO: Prestes a completar 81 anos, escritor finaliza mais um livro em 2005

Volta ao passado de Salim Miguel

Primeira obra do escritor, lançada em 1951, é reeditada

TATIANA BELTRÃO

Salim Miguel tinha 26 anos e era um jovem jornalista "mais ou menos desempregado" quando, em 1950, inscreveu-se para trabalhar em um censo demográfico do IBGE em Florianópolis.

O emprego de recenseador não melhorou muito a situação financeira do futuro escritor, mas rendeu inspiração de sobra. Foi a partir das conversas ouvidas nas ruas e nas casas de seus "recenseados" que Salim construiu cinco das oito histórias do seu primeiro livro, *Velhice e outros contos*, lançado poucos meses depois, em 1951.



Agora, passados 53 anos, a obra de estreia do escritor catarinense ganha relançamento pela Editora Unisul em edição caprichada, com capa dura e ilustrações do artista plástico Rodrigo de Haro. O lançamento é um presente que marca os 40 anos da universidade e os 80 do escritor.

Salim conta que, no começo, resistiu à idéia de relançar o livro.

– Há 25 anos não pensava nele. Não o reli nem abri. Este livro foi diferente: sempre

retrabalho meus textos, reescrevo várias vezes. Mas *Velhice...* foi escrito com muita rapidez; não foi retrabalhado.

O autor, no entanto, mudou de idéia e aceitou relançar o título ao perceber que aqueles primeiros escritos já continham, mesmo que em forma embrionária, aquilo que seria essencial em sua obra e que está presente até hoje: o envelhecimento, a morte, o tempo e a memória, temas que naquela época já despertavam o interesse do então jovem candidato a escritor.

– Desde criança isto me preocupava, talvez porque a única coisa inevitável na vida é o fato de que a gente nasce e morre. Acho que os temas de cada escritor são basicamente os mesmos; a maneira de trabalhá-los é que faz a diferença entre uns e outros.

Esta "maneira de trabalhar" diferenciou o escritor, desde a estréia. A admiração dos críticos por *Velhice...* e pelo autor até então desconhecido de Santa Catarina (Salim na verdade nasceu no Líbano, mas veio para o Brasil aos três anos e cresceu em Biguaçu) pode ser lida nas resenhas literárias da época, publicadas em revistas e jornais do Brasil e exterior, e que na nova edição reproduz:

"O que mais chama a atenção neste livro de Salim Miguel, um 'novo' de Santa Catarina, integrante do inteligente grupo da *Revista Sul*, é o estilo: um estilo muito pessoal, em que os velhos cânones foram abolidos, dando ao leitor surpresas a cada momento", escreveu um deles em 1952 na revista *Clã*, de Fortaleza (CE).

Salim reencontra seu passado

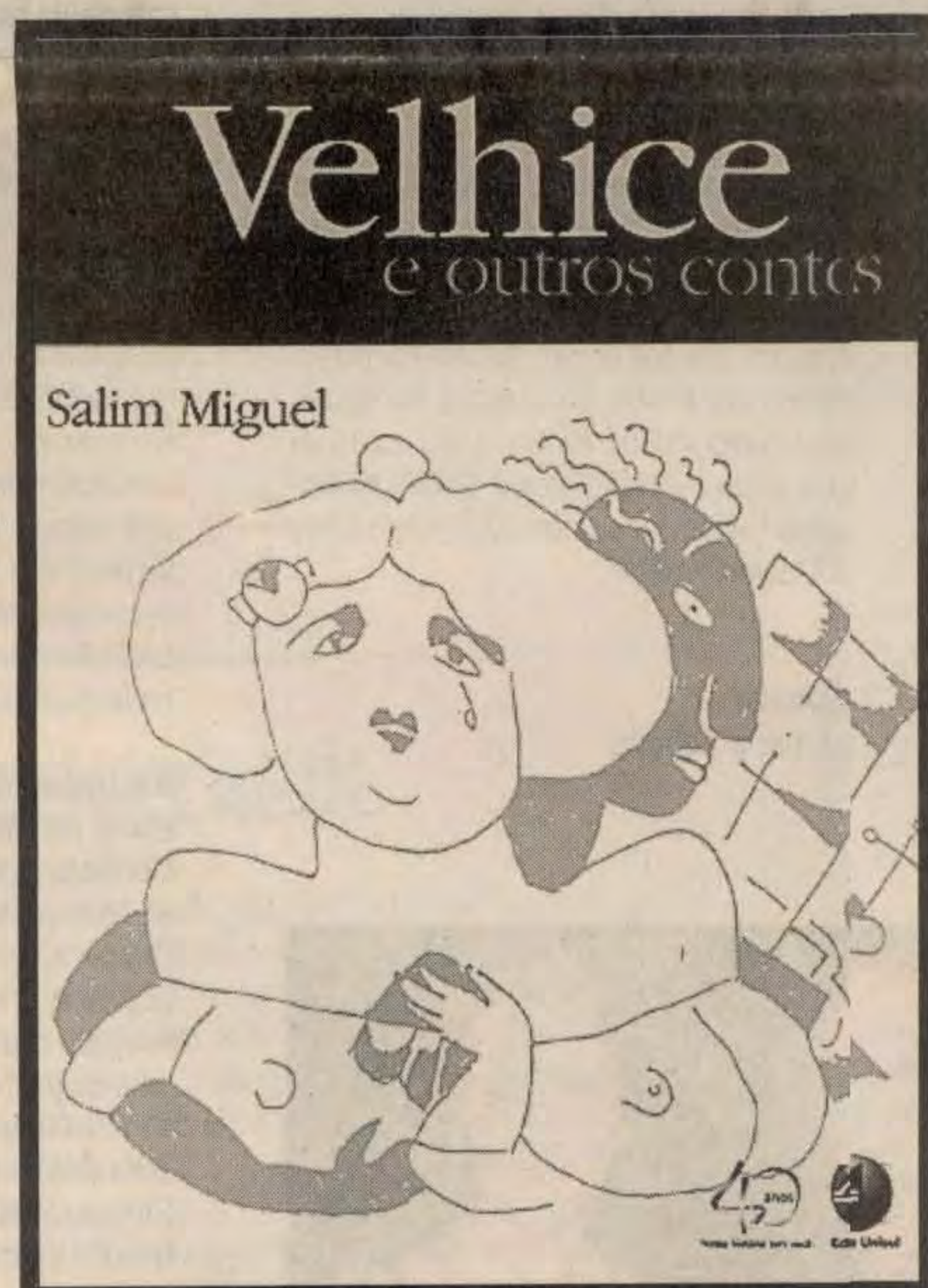
Florianópolis — Ao reler, 25 anos depois, "Velhice e Outros Contos", seu primeiro livro editado, Salim Miguel encontrou o embrião de sua produção literária. "É impressionante como os temas de minha obra de estréia são constantes presentes nos meus romances e contos escritos ao longo dos anos. É como uma maquete de toda a produção que veio a seguir", revela o escritor catarinense. Ele diz beber nas fontes da morte, da velhice e da inquietude humana desde jovem. "Todos estes questionamentos inspiram a minha narrativa."

A obra, publicada pela primeira vez em 1951 (Edições Sul) e pela segunda em 1981 (Fundação Catarinense de Cultura-FCC), última vez que o autor a havia lido, acaba de ser reeditada pela Editora da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), enriquecida com ilustrações de Rodrigo de Haro. O projeto foi concebido com dupla finalidade: comemorar os 40 anos da universidade e os 80 de Salim Miguel. "O livro deveria estar pronto em meados de novembro, mas ocorreram problemas editoriais." Mesmo assim, a iniciativa agradou o escritor. "É mais do que eu mereço, está um primor", comemora. Ele conta que sempre teve dúvidas se valia a pena fazer uma terceira edição da obra. "Foi meu primeiro livro, eu ainda estava buscando caminhos naquela época." Salim credita aos jovens a decisão sobre o sucesso ou fracasso da decisão. "Os novos leitores terão uma idéia da efervescência cultural de Florianópolis na década de 40 e o estilo dos textos pode agradar ou não", avalia com modéstia.

Rodrigo de Haro empresta seu traço peculiar em quatro ilustrações de página inteira. "O trabalho ficou excelente, reproduz em desenhos as propostas dos contos", elogia Salim. Ele recorda que quando começou a escrever "Velhice e Outros Contos", em 1950, estava desempregado. "Uma vaga como recenseador do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) garantiu a publicação por meio do salário." Outro dado curioso também diz respeito àquele trabalho.

O conto "Medo" surgiu em uma entrevista do censo. "Bati em uma casa e o dono disse: não entre. Quando perguntei o porquê, ele respondeu: meu cão é hidrófobo."

A terceira edição da obra, mil exemplares, é de distribuição dirigida, fato que desagrada Salim. "Não gosto de livros que não chegam às livrarias. Fica uma sensação de apego, a publicação deve ser direcionada ao leitor, não ao autor."



Rodrigo
Schwarz lança, pela
Bertrand Brasil, seu
primeiro livro, inspirado em
Richard Francis
Burton

Grande estréia

Schwarz,
autor de
"Ilha dos
Cães", que
será lançado
na Bienal do
Livro, em
maio, no Rio
de Janeiro



Cristiane Serpa

BETINA WEBER

Joinville — Pela aparência física seria impossível confundir. Um tem olhos claros, cabelo loiro e sorriso fácil. O outro usava bigode comprido, madeixas castanhas e olhar rígido. O primeiro chama-se Rodrigo Schwarz. É jornalista, joinvilense e autor da ficção "A Ilha dos Cães", que será lançado em maio, na Bienal do Livro, no Rio de Janeiro. O segundo viveu de 1821 a 1890 e respondia pelo nome de Richard Francis Burton. Explorador inglês, foi o primeiro ocidental a entrar nas cidades sagradas do Islã. Um erudito capaz de falar 20 idiomas e que também foi cônsul britânico no Brasil. Os dois nunca se encontraram. Pudera, viveram em épocas e culturas distantes. Porém, Schwarz sabia que o primeiro tradutor de "Mil e uma Noites" e "Kama Sutra" um dia lhe seria útil em algum trabalho. O jornalista de 28 anos estava certo. O aventureiro inglês é o personagem principal do seu primeiro livro, editado pela Bertrand Brasil. Foram dois meses de empenho. "Fiquei isolado. Vivia ou escrevia", relata o joinvilense, sem se arrepende da escolha. O recado de um professor no verso da folha de redação tinha surtido efeito. O menino que desejava ser veterinário tornou-se jornalista e agora era escritor. "Bem no ano que tinha de decidir o que fazer da vida no vestibular, uma redação mudou meus planos. Eu escrevi uma história para tirar nota sete e passar de ano. Eis que recebi no verso da folha um discurso enorme, cheio de reclamações. Fiquei irado", lembra. "Vi que realmente estava ridícula, mas não sosseguei. Levei a folha para casa e refiz várias vezes. Realmente com aquilo que eu tinha escrito", admite, "o professor nunca saberia do que eu era capaz". Na segunda vez, lia-se elogios nas letras em vermelho. "Como não conseguia ver sangue, desisti de ser veterinário. Seria jornalista". Passou no vestibular e foi morar em Porto Alegre. Na bagagem: uma guitarra e a empolgação normal de um calouro. "Achei que tinha talento. Sempre li muito e escrevo melhor do que toco guitarra. Se bem que isso não é parâmetro, porque toco muito mal. Já me conformei", brinca. Se Schwarz começou a carreira profissional produzindo o jornal da Feira do Livro de capital gaúcha, terminou entre os finalistas de um concurso almejado por estudantes de comunicação — o Curso Abril de Jornalismo. "Quando vi, estava morando em São Paulo, trabalhando na redação da "Veja" on line, recorda. Apesar da conquista, a qualidade de vida pesou mais do que a carreira. "Eu demorava quatro horas para chegar em casa nos dias de chuva. Não consegui me adaptar e voltei para o Sul". No retorno, fez jornais para empresas e virou correspondente da "Carta Maior". Abandonou a agência e tornou-se assessor de imprensa de um deputado federal. "Usei minha experiência de repórter como assessor. Lembrei de como me incomodava com assessorias e fiz tudo ao contrário", expõe. Em pouco tempo desistiu do trabalho. "Vi o teatro que era a política. E, infelizmente, cheguei a conclusão que meu esforço não era revertido para a sociedade", lamenta. Sem emprego, veio morar com a família em Joinville e deu seqüência à idéia do livro. Depois de finalizar "A Ilha dos Cães" — obra que indaga o que teria acontecido com a América, caso não tivesse sido descoberta —, o jornalista enviou a trama para nove editoras. "Estava sem esperança, porque não tinha 'padrinho' em nenhuma. Felizmente, duas editoras me deram resposta. Dos 140 livros programados para lançamento da Bertrand em 2005, dez deles serão na Bienal do Rio. O meu está entre eles. É sinal de que gostaram", acredita. Schwarz já começou outro romance, mas prefere não revelar a trama. "Depois de terminá-lo, vou unir os melhores contos que escrevi desde 1995 para tentar a publicação."